

TRÍDUO DOS LICEUS
 “Correndo para O alcançar”
 (São Paulo)

Tríduo Pascal dos Liceus
Rimini, 17-19 de Abril de 2014

INTRODUÇÃO, JOSÉ MEDINA
17 de Abril, quinta-feira à noite

Ballata del uomo vecchio
Era de maggio
Liberazione n. 2

Aqui estamos, Senhor, “Bestiais como sempre, carnais, egoístas como sempre, interesseiros e obtusos como sempre [...], / Porém, sempre em luta, sempre reafirmando, sempre retomando sua marcha sobre o caminho iluminado pela luz; / Frequentemente parando, perdendo tempo, desviando-se, atrasando-se, retornando, porém nunca seguindo outro caminho”¹. Cheios de urgência e de desejo de encontrar alguém que possa preencher, realizar a grandeza do coração, “correndo para O alcançar”², para nos deixarmos agarrar por Ele, que veio ao nosso encontro.

Pedimos-te, Pai, que não nos abandones. Ilumina-nos, sustenta-nos. Vem depressa libertar-nos. Libertar-nos da ilusão de que o aparente é a consistência da vida; vem, Senhor, libertar-nos da angústia do quotidiano. Escancara o coração, de modo que possamos detectar a sombra de todas as coisas, colocando-a à mostra; dá a todas as coisas a sua verdadeira forma. Suplicamos-te, Senhor, conscientes da nossa insuficiência e da nossa grandeza. Cantemos juntos, *Vinde Espírito Santo*. De pé.

Vinde Espírito Santo

O GRITO DO EU

Agradeço-vos pelo trabalho que fizeram na preparação deste momento. Achei os vossos contributos leais, expressão do trabalho e do empenho na decisão de serem “escandalosamente felizes”. É visível que acolheram o desafio que o padre Julián Carrón vos lançou na Jornada de Início de Ano³. Agradeço-vos também pela vossa presença que, em si, já é expressão do pedido que cada um de nós leva no coração. Somos pequenos e, muitas vezes, distraídos e, ao mesmo tempo, cheios de urgência, de desejo de encontrar alguém que possa satisfazer a grandeza da espera do nosso eu. E embora tudo à nossa volta e em nós conspire para fazer calar, para soterrar o eu, a substância do nosso coração reaparece inevitavelmente em cada esquina. O eu é espera, é pergunta. Podemos tentar enterrar estas perguntas, eliminá-las, mas assim que a realidade se apresenta de forma inesperado, elas emergem novamente, pretendendo encontrar respostas.

Uma de vocês escreve: “Na semana passada, uma amiga minha morreu num acidente, e a questão da morte do meu pai fez-se sentir com ainda mais urgência. Veio novamente à tona o grito que senti diante da morte e que continua a aparecer. Quando o meu pai morreu eu era pequena, e talvez a explicação dos meus irmãos [...] fosse suficiente para mim, mas agora já não é. [...] Apesar de se terem passado muitos anos, a dor é a mesma, nem maior nem menor. [...] Mas, normalmente, é mais fácil tentar esquecer, tentar diminuir este grito, do que enfrentar a dor [...] no quotidiano. O problema é que, depois, inevitavelmente, ele volta”. Estão a ver? As perguntas não se podem eliminar com simples explicações e, de facto, voltam. O coração é necessidade insaciável de uma resposta da qual o homem não pode fugir. É mentira dizer que a pergunta pode ser “guardada” ou esquecida. Tu e eu somos estruturalmente espera, pergunta, não porque tu o queiras, não porque tu o

sintas, mas por natureza. O homem é aquele nível da natureza em que a natureza se torna exigência, exigência de destino e de felicidade.

QUAL É A RESPOSTA A ESTA URGÊNCIA?

Normalmente, tentamos responder a estas exigências, à exigência de felicidade, à exigência de sentido da vida com a nossa capacidade. Pensamos que a resposta seja algo dentro da nossa medida, algo que está no horizonte da nossa imaginação e que é expressão do nosso poder. O ponto de partida habitual é a pretensão de que eu seja capaz de identificar o significado total da existência com um pormenor, que eu tenha o poder e a capacidade de fazê-lo acontecer.

Diante da exigência de felicidade, de sentido da vida que surge em nós, normalmente respondemos que há alguma coisa que tem que ser construída ou eliminada, alguma coisa que nós podemos fazer para dar significado à vida. E pensamos que o sentido de desproporção, de incapacidade, é uma falha momentânea que será corrigida com o tempo, eliminada através do esquecimento ou, às vezes, com a oração. De facto, dizemos muitas vezes: “Não sou capaz. Mas se Deus me ajudar, conseguirei obter aquilo que quero”. Quantas vezes a nossa oração se torna um pedido a Deus para nos ajudar a realizar a resposta que nós temos em mente, que achamos ser a certa.

Esta é a nossa posição diante da vida: pretendemos conhecer o sentido de todas as coisas e, assim, sermos capazes de realizar o sentido da vida. Esta é a modernidade, a cultura dominante: a exaltação da ideia de que o homem pode ser deus, realizado, perfeito, sem necessidade de um relacionamento com Deus, e que tudo aquilo que não está dentro da minha medida deve ser temido ou esquecido. Esta é a nossa posição: eu respondo à pergunta e, se não sou capaz, peço ajuda, peço a Deus que me dê força para levar a cabo a “minha” resposta.

Mas a experiência mostra algo muito diferente. Os pormenores da vida (os amigos, a escola, a família, o dinheiro) não parecem ter a capacidade de dar uma resposta à altura do meu desejo. Exigimos tudo do amor, do amor por uma mulher ou por um homem, tudo das eleições, exigimos tudo do dinheiro, mas nada é suficiente; tudo, no fim, desilude, não leva à libertação esperada, pelo contrário, torna-nos violentos e, com o tempo, até os amigos começam a fartar-nos, a própria vida farta-nos. Oçam o que diz esta amiga: “Não aconteceu nada de especial nem de grave, mas tudo começou, pouco a pouco, a aborrecer-me. Acordar de manhã aborrecia-me, ir à escola aborrecia-me, estar com os amigos aborrecia-me e até as pessoas que continuavam obstinadamente a querer-me bem me aborreciam. Em suma, toda a vida me irritava”.

Todos nós acabamos por ser vítimas desta mentalidade dominante, que pretende fazer do aparente a resposta para o desejo do homem. Estamos convencidos de que somos os donos da nossa existência e do nosso destino, mas isto só leva à desolação. Todas as tentativas não levam a nada além da desolação. Quanto mais nos convencemos de que podemos conseguir sozinhos, mais nos desiludimos, mais nos tornamos inseguros. Quanto mais acreditamos que seja possível fazer por nós mesmos, mais nos afogamos. Uma de vocês escreve: “Do canto à escola, à dança, aos amigos, à família. Embora sejam todas coisas importantíssimas para mim, não são suficientes [...] porque todas me desiludem. [...] Cada momento que passa sinto-me cada vez mais hesitante, acredito que me levantei, e caio, esforço-me sozinha e, no momento seguinte, volto a chorar”. Não corresponde! Nós imaginamos o que vai nos fazer felizes, procuramos conseguir isso e acabamos por ficar desiludidos. Outra pessoa escreve: “Quando acho que estou a fazer alguma coisa para o meu bem, caio na mais abissal paranóia, que de certa forma pode ser comparada com o desespero de Schopenhauer: ‘A vida é como um pêndulo que flui incessantemente entre a dor e o tédio através de instantes fugazes de felicidade’, [...] mas posso considerar isto viver? Pareço quase um robô, que se comporta mecanicamente como que alimentado por um interruptor, já não encontro sentido nas amizades [...], estou cansada até das pessoas que estão perto de mim”.

A vida é um pêndulo que flui incessantemente entre a dor e o tédio⁴. Quanto mais afirmas o teu poder, a tua capacidade, mais te tornas violento contigo mesmo e com os outros. O outro, o desconhecido, é imediatamente percebido como inimigo. Sentimos o outro como um obstáculo

porque não corresponde à nossa imagem e, assim, os relacionamentos com as pessoas tornam-se violentos, quer dizer, tornam-se relacionamentos de poder.

A experiência faz emergir em nós uma incapacidade *quase* ontológica, porque nos momentos em que a insatisfação já não pode ser escondida, o homem que se pensa como medida de tudo fica sozinho, como um deus sem companhia. As mãos tentam agarrar, acariciar o rosto amado, mas não há relacionamento. Tudo morre e acaba. Uma solidão abissal que, em última instância, leva a um ódio por si mesmo, como já descrevia Nietzsche: “Um dia, o viajante fechou a porta atrás de si e chorou. Depois, disse [oiçam o que ele grita]: ‘Como odeio este desejo ardente do verdadeiro, do real, do não aparente, do certo!’”⁵.

A mentalidade dominante, que é senão uma exaltação do pecado original, afirma: “Tu podes ser deus, sem Deus”. Mas, sem o relacionamento com Ele, o homem está sozinho, desintegrado, e a inquietude torna-se angústia. O homem já não se maravilha com o desconhecido, não é atraído, mas teme, fica assustado pelo próprio limite. Tudo se torna condenação, até o próprio eu. Tudo é reduzido, inclusive o desejo, a algo que pode ser obtido só com a nossa capacidade. Cantemos juntos *Sometimes*.

Sometimes

DESISTO DE TENTAR SER FELIZ

“Desisto de tentar ser feliz”⁶. Com esta afirmação sincera e desesperada, o escritor Jack Kerouac explicita a modalidade com a qual muitas vezes eu e tu vivemos a vida. A felicidade não pode ser criada nem é possível continuarmos a ser nós mesmos na sua procura, parece impossível e, assim, desistimos de tentarmos ser felizes. Uma de vocês escreve: “Sabes, não alcançar a Felicidade durante tantos anos faz-nos ficar cansados e sem forças. Assim, agora sinto-me no fim do caminho, não sei o que fazer, tenho o coração cheio de cicatrizes, a camisola suada, os sapatos gastos, mas ainda não vejo o topo e, embora saiba que ele existe porque já estive lá, não encontro o caminho para alcançá-lo”.

O homem não é capaz de dar a si mesmo a felicidade, nem tem a energia para ser ele mesmo e para viver a vida ouvindo as suas próprias perguntas; e, assim, com o passar do tempo, desiste de tentar ser feliz.

Todos os homens sentem a urgência do coração, mas a dor é muito grande, caem por e terra e ficam lá, parados. Depois de gastar a juventude tentando agarrar alguma coisa que possa realizar a vida, desejando ser escandalosamente felizes, corremos o risco de nos rendermos. E este render-se contém uma afirmação implícita: “Mas sim, quero lá saber, não importa”. É uma mentira que todos conhecem, e que nunca é dita em voz alta. Afirmamos que não há nada que possa ser feito para satisfazer o grito do coração e, como ouvir esse grito, essa urgência, dói, então desistimos e dizemos, mentindo: “Está tudo bem”.

Como muitos de vocês, Kerouac rebela-se ao pensar que a felicidade não pode ser alcançada, mas não pode eliminar a impressão da imponente de um deserto árido na própria vida. Pensem que ele escreve: “Na minha vida, já tive duas mulheres: uma, mandei-a embora e, da outra, fugi; tive centenas de jovens amantes e cada uma delas foi traída por mim, ou enganada de algum modo. [...] Agora olho o meu rosto no espelho e acho-o repugnante”. Em num instante de sinceridade sofrida, rende-se, explicitando aquilo que todos, em última instância, acreditam, porém sem nunca o dizer: “Tudo vai correr bem, a desolação é desolação [...] e a desolação é tudo o que temos e, depois, a desolação não é assim tão má.”⁷.

A proposta da cultura dominante é, no fim, terrível: tudo é igual, faça o que bem entender porque, no fundo, nada tem valor. Aceita, implicitamente – sem dizê-lo –, não ser feliz. Esta é a miséria humana: o esquecimento do eu, uma abdicação existencial. É exactamente aqui que está radicada a angústia da vida, hoje. O objectivo da vida já não é a descoberta, já não é a aventura, mas a defesa burguesa do pouco que se tem, a tentativa de eliminar e substituir por outras coisas qualquer tomada de consciência do grito do coração, do próprio eu. Este é o seu drama, o meu drama.

O homem, incapaz de ser ele mesmo, sente que não tem energia para viver. “Desisto”, diz Kerouac. O homem escolhe o pessimismo profundo e total. Um pessimismo que resulta numa perda do gosto de viver, favorecendo uma mentalidade burguesa sem muitos altos e baixos. As coisas vão medianamente bem. Claro, há altos e baixos, mas o importante é que a média seja aceitável e o trabalho da vida já não seja encontrar a resposta para o desejo, mas esconder a pergunta com distrações, com uma colecção de “experiências” a serem realizadas que, por um instante, dão a impressão de estarmos vivos, que nos ajudam a nos iludirmos de que somos capazes. Uma colecção de emoções que esconda a dor imensa de uma vida dedicada ao nada e, então, podes embebedar-te, cortar os braços (cutting/automutilação), podes estudar como um louco. Tudo para esquecer esse grito do coração!

O ideal da vida torna-se, facilmente, a vida burguesa, e passamos a preocupar-nos com a sensação que experimentamos naquele momento ou com a opinião dos outros. Reduzimos o desejo de felicidade e de amor a uma emoção. A proposta da mentalidade moderna é: conformem-se, desistam de tentarem ser felizes. A tentativa do homem corajoso de encontrar o infinito é substituída pela aceitação de ser moribundo. Assim, a razão torna-se a afirmação de uma ilusão, e a liberdade, o sustento de uma mentira.

Esta é a escolha que fez o homem contemporâneo: odiar-se a si mesmo, fechar a porta ao ímpeto do coração, rebelar-se contra a natureza do próprio coração. Esta é a miséria do homem moderno: tirar de si o Mistério. Mas, desse modo, não se tornou livre, mas escravo, escravo da tirania da maioria, que prega o esquecimento. Desta forma, o homem não é livre, não é ele mesmo. Cantemos *Non son sincera*.

Non son sincera

A NOSSA GRANDEZA

Em contraposição a esta desilusão ecoam com força as palavras do Papa Francisco na Jornada Mundial da Juventude: “Tende a coragem de ir contra a corrente. Tende a coragem da felicidade! Dizei não à cultura do provisório, da superficialidade e do descartável, que não vos considera capazes de assumir responsabilidades e enfrentar os grandes desafios da vida!”⁸.

A nossa grandeza reside nesta disponibilidade original do coração à felicidade infinita, à beleza infinita, disponibilidade que todos nós podemos destruir com o esquecimento, o desespero, a distração, a indiferença.

Ser homens, ser “loucos” pela vida, desejosos de tudo e, ao mesmo tempo, nunca amedrontados; e livres. Isso interessa-me! Interessa-me não comprometer nunca o desejo do coração; quero viver até o fim esta nostalgia de alguém que possa realizar a minha humanidade. Não quero censurar o eu. Não quero desistir. Não me resigno, não desisto de tentar ser feliz.

Meus amigos, ajudemo-nos, nestes dias, a descobrir esta ternura por nós mesmos, porque a nossa companhia é para ir contra esse pessimismo. A nossa companhia é companhia de luta pelo humano, pelo intensamente humano. Se isso é favorecido, a vida cresce, torna-se algo grande, capaz de coisas grandes. Catarina de Siena dizia: “Não se contentem com as pequenas coisas. Ele, Deus, quer-vos grandes”⁹. Cantemos *La guerra*.

La guerra

VEJO O DESERTO AVANÇAR E...

Uma de vocês escreve: “Este ano, na escola, o meu mundo desmoronou. Todos os professores das disciplinas fundamentais do curso, que eram óptimos, foram substituídos por péssimos. [...] Sinto que o meu desejo de aprender foi sufocado por estas pessoas, sinto-me perdida. Já não consigo ter vontade de pegar nos livros. Já não consigo ter vontade de ir à escola. [...] À minha volta, só vejo um deserto, e nenhum modo concreto de melhorar isto”.

Então, qual é a resposta a esta urgência? Se o meu poder não pode responder e, no fim de contas, me leva a desistir da tentativa de encontrar a felicidade, então, o que fazer? O que fazer com este deserto? Qual é a alternativa?

Don Giussani escreve: “‘Vejo o deserto avançar, mas aquilo que se percebe do deserto não pertence ao deserto’: tudo termina no limite e na dor”, mas eu e tu, que nos damos conta do limite e da dor, não pertencemos ao limite e à dor. “Esta é a natureza da razão, esta é a natureza do coração do homem [...], o facto de que a pessoa, enfrentando qualquer coisa, percebe o seu limite e é ferida por ela [...]; o facto de que [...] alguém percebe o limite e a desilusão [...] e de que isso não o paralisa, mas o torna mais intenso [...], prova que ele não pertence ao limite e à dor e, por isso, é como que impulsionado, impelido, levado a tentar agarrar outra coisa”¹⁰. A experiência do limite, a experiência da desproporção entre aquilo que eu posso alcançar e aquilo que eu desejo prova que eu não pertencço a este mundo, prova a necessidade de um Outro, a quem eu pertencço. Eu não pertencço ao limite e à dor. O meu limite é, por si só, afirmação implícita de um Outro. A tua experiência indica o caminho: aquilo que desejas é outra coisa, algo diferente do deserto que podes gerar. Tu pertences a outra coisa, és outra coisa. Vês avançar o deserto, a morte, mas o olhar que se dá conta do deserto não pertence ao deserto.

A procura de todo o homem é encontrar alguém que lhe revele o eu, que lhe permita ser verdadeiramente ele mesmo, verdadeiramente feliz. Eu e tu não podemos viver, não podemos conhecer, a não ser na companhia de um outro, estranho a mim e, no entanto, profundamente correspondente. Isto é dramático. O encontro é dramático, tem nas suas próprias pregas uma dramaticidade pela qual é necessária a capacidade de espanto para aceitar que algo estranho a mim, que não sou eu, mas que sinto como meu, seja o factor da minha libertação. É paradoxal: que um outro além de ti, estranho – não tu –, corresponda ao teu coração, exerça um fascínio de correspondência com aquilo que tu és. Eis o paradoxo: para me afirmar a mim mesmo devo ser Tu, Outro diferente de mim. O coração do homem é relação com o infinito, é exigência de infinito, exigência de um Outro que te diz: “Sou como tu: eu sou o teu coração; sou outro diferente de ti, porque sou diferente da forma como você me pensa, mas sou a tua realização”. É este Outro que precisas de compreender, de abraçar, de fazeres teu.

O coração aponta para, deseja algo não imaginado, algo de absolutamente imprevisto e fascinante que corresponda à própria natureza original. Mas ao mesmo tempo eu percebo, com medo às vezes, uma estranheza que, às vezes, parece intransponível. Como é possível? Como é possível que eu, para ser eu mesmo, precise ser tu? Como é possível que eu esteja fascinado, que eu seja correspondido por algo que “não sou eu” e que não posso imaginar? É aqui que explode, obrigatoriamente, uma luta, que está nas pregas de toda a realidade: a dramaticidade de estar destinado a ser realizado por um outro que não sou eu.

Esta luta entre o dizer “Eu sou, eu faço, faço sozinho” e “Sou tu”, indica todo o caminho da inteligência e do coração dos cristãos. Meus amigos, o olhar que se dá conta do deserto não pertence ao deserto: é um Outro, tu és um Outro, destinado a Outro, a minha vida é um Tu, eu não sou deserto, sou Tu. Aceitar esta fascinante estranheza que se coloca em paradoxal contradição com a minha imaginação e com a minha capacidade, é o caminho para a minha realização, porque sem Ele, na ausência d’Ele eu não vivo, não tenho rosto, a vida – como se demonstrou também esta noite – é um tédio. Ao contrário, viver com Ele, pertencer a Ele presente, dizer “Tu” enche a vida de letícia.

É esta misteriosa presença, é este Tu, que assegura a consistência do meu eu, do meu rosto. Essa presença do Tu é a presença que deve ser reconhecida, senão o eu se dissolve no vislumbre do quotidiano confuso. Essa é a dramaticidade da vida: a luta entre a afirmação de si como critério da dinâmica da vida ou o reconhecimento desta Presença misteriosa como factor dominante e constitutivo do meu rosto. Já não eu, mas Tu, vives em mim. Já não eu com a minha imaginação, com os meus projectos, com as minhas mãos, com o meu poder, com os meus afazeres, mas Tu. Isto é a libertação. Cantemos *Il mio volto*.

Il mio volto

A DECISÃO

Esta é a escolha, tudo se apoia sobre esta decisão: seguir a si mesmo e, como consequência última, desistir da tentativa de ser feliz; ou mendigar, porque olhando para a experiência, detecto o facto de que eu, exactamente porque me dou conta do deserto, dou-me conta também de que pertença a um Outro, e por isso mendigo. Tu podes seguir a tua análise, os teus sonhos, ou mendigar. É essa decisão que te é reproposta todos os dias, todas as manhãs quando te levantas da cama, porque ou tu te levantas com o olhar escancarado, cheio de ingenuidade, consciente de que a consistência do teu eu está no pertencer a um Outro, ou tu te levantas com o cotovelo diante dos olhos para te defenderes da realidade, amedrontado.

É aqui que se realiza a liberdade do homem como decisão, como escolha: reconhecer o ser ou afirmar-se a si mesmo: ou reconhecer que fui criado por um Outro, escolhido por um Outro, amado por um Outro, necessitado de um Outro, em relação com um Outro, ou afirmar-me a mim mesmo. Decidir ser escandalosamente feliz significa reconhecer que pertença a um Outro profundamente correspondente e estranho; significa dizer sim porque quem não aceita depender, no fim de contas vai desistir, vai perder-se, porque o que realiza o eu não pode ser imaginado por ti, tu não podes fazer acontecer, não é deste mundo porque, em última instância, tu não és deste mundo. A verdade, a beleza, não é uma medida humana, é a medida do Mistério.

Começámos dizendo que a estrutura original do coração é espera, é pedido de um Outro, exigência activa e, portanto, realidade de relação com o Infinito, com o Outro. O homem é necessidade de Outro, é relação com um Tu que ele não pode imaginar. Lagerkvist dizia: “Quem és tu, que preenches o meu coração com a tua ausência? / Que preenches toda a terra com a tua ausência?”¹¹. Cantemos *Hoy arriesgaré*. Leio a tradução: “O drama da minha existência procura encontrar a sua verdade. Quer esconder a sua Presença, a sua encarnação. [...] A minha vida é sua pertença, nada mo impedirá”¹².

Hoy arriesgaré

MARIA

Todos os homens, sem excepção, sentem esta – chamemos-lhe assim – contradição, esta desproporção: que eu sou desejo de um Outro e que este Outro desconhecido é a minha realização. Até Maria, a mãe de Deus, sentiu isso, sentiu a estranheza dentro da proposta do Mistério, sentiu a impossibilidade de reduzir a uma medida humana o modo com o qual o Mistério lhe propunha realizar a promessa feita ao Seu povo. Mas ela disse “Sim”, e disse-o numa forma razoável, porque afirmou que a medida da beleza da vida não era a sua, não era a sua capacidade de alcançar aquilo que o Mistério dizia. No mistério daquele instante em que o Anjo veio a Maria e lhe disse “A realização da promessa que vocês esperavam acontecerá em ti dum modo que tu não imaginas, de um modo que tu não consegues alcançar com a tua inteligência”, ela imediatamente perguntou: “Como é isso possível?”, mas afirmou logo: “Faça-se em mim segundo a tua palavra”¹³. É razoável seguir um Outro, afirmar este Outro tão correspondente, mais do que afirmar a si mesmo. Maria disse: “Faça-se em mim segundo a tua palavra”. Disse sim. E este “sim”, a energia deste “sim” é a força da liberdade que adere, que diz: “Sim, reconheço-Te, afirmo-Te”.

Todos nós somos chamados a aderir à figura da Virgem Maria, porque a verdade sobre mim mesmo é que não me faço por mim, fui criado, sou de um Outro. E por isso pedir, mendigar é a verdadeira estatura do homem: sermos mendicantes do amor, da beleza. A nossa existência é mendigar. O homem é pedido, espera, enquanto tem consciência do próprio limite e decide não ser definido pelo próprio limite, mas decide ser mendicante de Outro. Peçamos a Nossa Senhora que nos dê um coração simples, contente, capaz de aderir ao seu Filho. Peçamos a Nossa Senhora que nos proteja, que nos desperte, que nos sustente, que nos apoie, de modo que possamos afirmar com liberdade o desejo do coração: eu não desisto, quero coisas grandes, quero ser escandalosamente feliz. Terminemos cantando *Romaria*.

Romaria

LIÇÃO, JOSÉ MEDINA

18 de Abril, sexta-feira de manhã

*Al mattino
Il Giovane ricco
Canzone dell'ideale*

Ontem à noite, começámos a falar – a partir do tema oferecido pela Jornada de Início de Ano – do nosso desejo de sermos escandalosamente felizes. Mas se na tentativa de sermos escandalosamente felizes reduzimos a razão àquilo que podemos fazer, à nossa medida, a única coisa que sobra é o deserto, o tédio, o cansaço e, diante disto, desistimos da tentativa de sermos felizes. A alternativa a esta abdicação existencial parte exactamente da nossa experiência. Diante da imponência do deserto, eu digo: Não, eu não sou o deserto. O limite, a dor, o cansaço não são eu, não estou destinado a morrer e pronto. Eu pertenço a outro.

O coração do homem é relação com o infinito, é exigência de Outro, mas ao mesmo tempo, é incapaz de gerar outro além de si. Isto é paradoxal: que um outro além ti – não tu –, corresponda ao teu coração, que exerça um fascínio de correspondência àquilo que tu és; que para ser eu mesmo precise afirmar um Tu, Outro além de mim. O coração deseja algo de inimaginável, de absolutamente imprevisível e fascinante que corresponda à própria natureza original. Mas, ao mesmo tempo, eu percebo, às vezes com medo, uma estranheza que algumas vezes parece invencível. Como isso é possível? Como é possível que eu, para ser eu mesmo, precise ser tu? Como é possível que eu esteja fascinado, que eu seja correspondido por algo que “não sou eu” e que não posso imaginar? É aqui que explode obrigatoriamente uma luta. Diante da alteridade facilmente recuamos, muitas vezes até pedindo a Deus para nos tirar desse drama que define, por si, o que seja ser homens. Mas este, caros amigos, é a piedade modernista: pedir a Deus que me ajude a eliminar a mim mesmo.

É preciso atravessar a soleira, não ficar cimentado na ideia de que eu, com o meu poder, com a minha capacidade e com um pouco de ajuda divina nos momentos difíceis, consiga resolver as coisas, consiga sozinho. É preciso entrar em relacionamento com esse Tu pelo qual tu és feito.

Claro, que a vida pertence a um Outro, o facto de que tu não te fazes por ti, é evidente, mas que isso se torne o meu “pensamento dominante” na acção quotidiana não é automático. Temos boas intenções, mas o encontro feito que, de um modo ou de outro, te trouxe aqui hoje, ainda não se tornou pensamento dominante do teu ser e do teu agir. Então, esta é a pergunta mais urgente: como é que o encontro se torna pensamento dominante do meu ser e do meu agir? Repito: como é possível que o encontro feito se torne pensamento dominante do meu ser e do meu agir?

A ALIANÇA

Deus interveio para se mostrar capaz de tornar humana a vida do homem. Consciente do facto de que tu não podes ser tu mesmo sozinho, Deus emergiu de dentro da realidade para restabelecer a Sua relação contigo. Ele revelou ao homem o rosto do seu destino, revelando-se a Si mesmo através da Sua companhia. Foi assim para Abraão, para Maria, para Pedro e continua a ser assim também para ti. Um acontecimento entra na tua vida, Deus envolve-se colocando-se ao teu lado, como factor dominante e determinante que dá significado à tua existência.

Abraão também ouviu o convite de Deus, que lhe dizia: “Sai de ti, daquilo que imaginas ser a realização da tua vida e entra, atravessa a soleira, entra naquilo que eu te indico, sai das tuas ideias, da tua imagem de realização, dos teus projectos, e segue-me”. Ao convite de Deus “Deixa a tua terra, os teus parentes e a casa de teu pai e parte para a terra que eu te mostrarei”¹⁴, Abraão disse sim. E disse sim porque reconhecia em Deus como mistério uma autoridade evidente, uma correspondência consigo mesmo. O que lhe mostrava o caminho: Deus apresentava-se como o senhor da sua existência. Eis a razoabilidade. É mais razoável ouvir e seguir um Outro do que seguir a nossa própria ideia, do que confiar na nossa própria capacidade. Abraão chegou a esta convicção com o tempo, através de uma familiaridade vivida com aquela Presença misteriosa que desde o início correspondia ao seu desejo de ser grande.

Abraão comunicou a Deus também o próprio desejo, tal como o entendia. Disse a Deus: “Vós não me destes descendência, e é um escravo nascido em minha casa que será o meu herdeiro”. Mas Deus responde que não será assim: “Não é ele que será o teu herdeiro, mas aquele que vai sair das tuas entranhas”¹⁵. Também a este anúncio, Abraão disse sim.

Mas este caminho de familiaridade com o Mistério não é de forma alguma automático, é dramático. Sara, a mulher de Abraão, diante do anúncio de que, já velha, conceberia, disse: “Não, como é isso possível?”, e riu, céptica, duvidando que Deus pudesse realmente fazer aquilo que tinha prometido¹⁶. Abraão, ao contrário, diante da alteridade, diante do facto de que Deus lhe disse: “Eu vou cumprir a minha promessa, mas de maneira diferente daquilo que tu imaginas”¹⁷, escolheu afirmá-Lo, escolheu afirmar o projecto de um Outro, obedecer à correspondência que sentiu no coração.

Claro, uma pessoa pode dizer: “É fácil obedecer a um Outro quando a minha ideia de realização coincide com a vontade de Deus. Mas é muito mais difícil quando a realização que eu imaginei para mim não coincide com a Sua vontade”. Também isto aconteceu com Abraão, quando Deus lhe pediu para oferecer o filho que lhe tinha dado: “Toma o teu filho, o teu único filho [aquele que ele tinha pedido a Deus] [...], e vai à terra de Moriá, onde o oferecerás em holocausto sobre um dos montes que eu te indicar”¹⁸. Quando a realização não coincide com a minha ideia, com a minha imagem, então temos dificuldade. É aqui que a luta começa, que começa o drama de ser homem; diante do real, diante das circunstâncias quotidianas, coloca-se a pergunta de Deus: “Confias em mim?” e a do homem: “Mas Tu amas-me, proteges-me?”. Abraão tinha tanta certeza, a consciência que ele tinha de si era tão dominada pela relação com o Senhor, que disse sim.

Num determinado momento da história de Israel, a mesma pergunta foi dirigida a Moisés. Deus libertou o povo, fê-lo sair do Egipto, prometeu conduzi-lo à Terra Prometida, deu-lhe de comer, protegeu-o, mas para os israelitas a forma como isso acontecia não era a que eles tinham imaginado e, então, perderam a paciência e esqueceram Deus. Nos momentos de dificuldade, nos momentos em que a nossa própria imagem não coincide com aquilo que Deus preparou para o nosso bem, emerge o drama e nasce o “porém”, o “mas”. “Mas, como é possível?”. “Por que é assim?”. “Mas tens a certeza de que isto é para o meu bem?”.

Nos momentos em que as circunstâncias parecem afirmar o contrário da realização imaginada por nós, quando elas se apresentam como sacrifício porque não são como nós as imaginamos, o que afirmamos? A nós mesmos ou a um Outro? Este é o drama que se apresenta diante dos vossos olhos todos os dias. A todo o momento tens diante de ti dois caminhos: ou afirmas o teu projecto, a tua ideia, a tua imagem, ou afirmas o desígnio de um Outro. Esta é a escolha radical. É a escolha, meus amigos, entre a vida e a morte. Afirmar que em última instância nada tem sentido, que tudo é igual porque tudo está destinado a morrer, ou afirmar um Outro, isto é, pedir. Cantemos juntos *Ma non avere paura*.

Ma non avere paura

DEUS VEM AO ENCONTRO DO HOMEM

Na sua ternura, Deus quis facilitar o teu caminho. Quis eliminar a distância entre o homem e o Mistério. É um facto que aconteceu. Deus entrou na vida segundo uma forma humana, para que tu possas alcançá-Lo com o teu pensamento e a tua afectividade.

João e André, os dois que seguiram Jesus até às margens do rio Jordão, foram os primeiros protagonistas, depois de Maria, desta reconquista do humano: eles foram os primeiros a encontrar uma presença excepcional, não imaginada por eles. Vivendo com Jesus, experimentaram uma correspondência que nunca tinham experimentado antes, nem mesmo diante das coisas mais bonitas.

Mas também a eles, como tinha acontecido com Abraão e Maria, a um certo ponto Jesus se apresentou na sua alteridade última. Ninguém era como Ele. Não se podia “explicá-Lo”. Um dia, disse: “Se não comerdes a minha carne e não beberdes o meu sangue, não tereis a vida em vós. [...] Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele”¹⁹.

Este é o drama, a luta. Amigos, esta é a Comunhão, a Eucaristia. Diante destas palavras, dentro da experiência de correspondência que os discípulos viveram com Ele nasce a pergunta: “Mas como é que é possível? Eu não posso sequer imaginar aquilo que estás a dizer”. Jesus dá-se conta disso e diz: “Isto escandaliza-vos? [...] Querer ir-se embora também?”. Naquele dia, na sinagoga, todos experimentaram o mesmo arrebatamento. Alguns começaram a gritar. Outros queriam matá-lo. Muitos foram-se embora. Mas Pedro, diante daquela pergunta desconcertante, não parou, não se deteve. Um pouco surpreendido, mas fundamentado na experiência de correspondência vivida com Ele, Pedro disse logo: “Mestre, nós não percebemos nada, mas se formos embora para onde iremos? Só Tu tens palavras que dão sentido à vida. Se não creio em Ti, não posso confiar nem mesmo nos meus olhos”²⁰.

A resposta de Pedro não foi ditada pelo facto de ele perceber mais, ou estar mais disposto, ser mais capaz do que os outros. A sua resposta nascia da experiência de correspondência feita vivendo com aquele homem. O ponto de partida de Pedro é a experiência de uma correspondência não imaginada, para lá da sua medida. A sua resposta nascia da convicção que surgiu do relacionamento com Jesus.

Pedro, profundamente razoável, escolheu não ser definido pelo seu próprio limite, pelas coisas que ele podia perceber ou não, pelo próprio medo. Pedro não partiu de uma imagem sua, dos seus preconceitos, mas da experiência de correspondência feita vivendo com aquele homem que, quando falava, mudava a vida, fazia o coração saltar. Pedro percebia-o como verdadeiro porque o coração saltava no seu peito, vibrava dentro dele. Talvez não conseguisse perceber muitas coisas, mas reconhecia que eram verdadeiras.

Pedro foi arrebatado por Jesus, por aquele homem que com o olhar tinha revelado o seu ser. Foi convencido por aquele olhar que abraçava a sua história sem ignorar nada. Sentiu-se agarrado por Ele, de tal modo que era natural, quase natural, afirmar Cristo em vez de afirmar o próprio medo. Era razoável afirmar aquela intuição de verdade, de verdadeiro, que ele tinha visto.

Para muitos, Jesus era uma pessoa interessante (até fazia milagres), mas para Pedro tinha-se tornado o factor dominante da vida. Diante daquela pergunta desconcertante, ele decidiu aderir à intuição do verdadeiro que se tinha revelado na relação com Ele, em vez de aderir à sua própria ideia. Como Abraão e Maria, Pedro também reconheceu aquela Presença, profundamente misteriosa e, ao mesmo tempo, familiar.

Também o jovem rico de quem fala o Evangelho sentiu o arrebatamento. Aquele jovem encontrou Cristo e ficou fascinado com Ele, a ponto de correr na Sua direcção, perguntando: “O que devo fazer para ter a vida da qual tu me falas?”. Jesus respondeu-lhe: “Vende tudo o que tens e vem comigo”²¹, com um convite que era diferente daquilo que aquele jovem tinha imaginado. E decidiu afirmar-se a si mesmo, àquilo que possuía, em vez de afirmar a intuição suscitada por Jesus. Fazendo assim, desistiu, porque decidiu ser definido pelo seu próprio limite e ficou assustado, escravo das suas próprias coisas. Tinha medo de perder aquilo que possuía (aquela vida burguesa da qual falávamos ontem), negando a intuição da verdade e, por isso, foi irracional, porque aquela intuição do verdadeiro tinha existido, não podia ser negada.

Esta contradição existe em todos nós; esta ambiguidade profunda que se infiltrou nas raízes do nosso ser é o pecado original, aquele ponto dentro de nós que resiste a aderir à intuição de que para ser eu mesmo, preciso ser Tu, um Outro, que a realização da minha vida coincide com o identificar-me com um Outro. Parece-nos perder alguma coisa, morrer, perder a nossa individualidade.

Mas é exactamente nesses momentos de sacrifício e de dificuldade que a nossa autoconsciência se revela. São as circunstâncias adversas que nos chamam a “desvelar os pensamentos” do nosso coração. É exactamente nessas situações que o coração deve obedecer ao encontro, deve aderir à intuição do verdadeiro que teve. É exactamente nessas circunstâncias quotidianas que o coração deve obedecer ao Mistério, como Abraão obedeceu a Deus. Somos chamados a obedecer nessas circunstâncias – quando a nossa mãe está doente, quando sentimos

aborrecimento nas aulas, ou quando uma amiga morre –. Como é possível viver sem a consciência deste amor irrefutável que perdoa e me abraça sem medida?

Não tenham medo da vossa “loucura” – não importa o grau que atinja dentro de nós –, porque somos abraçados por Ele, somos abraçados por Jesus, que se tornou homem para que pudesses vê-Lo, morreu na cruz para que pudesses vê-Lo. Morreu para que eu pudesse dizer, finalmente: “Eu sou eu porque Tu vives em mim”. “Vivo, não eu, mas Tu, em mim”²².

A aspereza do caminho, a dificuldade, não é uma objecção, mas uma oportunidade abençoada para afirmá-Lo e, portanto, para sermos verdadeiramente nós mesmos, para afirmarmos a intuição do verdadeiro em vez da nossa ideia. Isto só é possível se Jesus estiver presente. Escutemos *Ojos de cielo*.

Ojos de cielo

SEGUIR

Então, se não basta encontrá-Lo (porque o jovem rico encontrou-O) e se estamos conscientes da pergunta sobre como é que este encontro se pode tornar pensamento dominante (como aconteceu com Pedro, com Abraão e com Maria: dizer sim), qual é a conclusão? Que o encontro é o início de um relacionamento que continua como seguimento. Mas Jesus introduz um modo de seguir diferente daquele proposto por outros mestres da lei ou pelos filósofos. O seguimento proposto por Cristo implica uma companhia, implica participar com todo o nosso ser. Seguir não é aprender a fazer coisas, ou uma teoria, mas “viver com”: comunhão. Nenhum mestre no tempo de Cristo colocava no centro da vida o seguimento, o participar da sua vida. Muitos indicavam o caminho para a verdade: ‘Deves fazer assim’, ‘Reza desta maneira’, ‘Quando estas coisas acontecem, faz assim’, mas Jesus propunha colocar no centro do próprio ser a Sua própria vida, a participação na Sua vida como factor essencial do caminho.

Para nós, tal como foi para os discípulos, seguir quer dizer identificarmo-nos com Ele, envolvermo-nos em uma experiência viva através da qual o Seu dinamismo, o Seu gosto de viver, “passa” para dentro de mim, quase por osmose: é um coração novo que se comunica ao meu, é o coração de um Outro que começa a mover-se dentro do meu. É Ele que começa a viver dentro de mim. Para seguir é preciso fazer uma comparação crítica entre o meu coração e o olhar de quem guia. Seguir não é fazer o que mestre diz, mas entrar dentro do olhar de um outro.

Por isso, seguir implica um trabalho: a comparação crítica entre o coração e a proposta que nos é feita. Um trabalho que nada tem de automático, porque implica ser leal com as próprias exigências originais, com o próprio desejo de felicidade. Implica uma atenção leal à proposta feita, sem a reduzirmos na ânsia de encontrarmos nós uma resposta, porque muitas vezes nós reinventamos a proposta que nos é feita segundo a nossa imaginação. Por exemplo, se nos dizem: “Façam silêncio”, reagimos pensando: “Está bem, disseste ‘Façam silêncio’, mas isso não significa silêncio, silêncio”; reinventamos. Somos convidados a participar de um gesto com todo o nosso ser, e em vez disso, aderimos àquilo que aparentemente mais nos agrada. E, assim, ficamos de fora, na soleira, não entramos no relacionamento com este Tu, ficamos no nível do “mas, porém, como é possível?”.

Leio-vos a carta de um amigo, que exemplifica a experiência de seguir: “Estou apaixonado por uma rapariga que nem sequer está em Itália. Entrei logo em crise, porque sempre achei que gostar de alguém coincidissem com o relacionamento físico. O problema é que não a vejo desde o verão. O mais difícil para mim é o facto de me ter descoberto escravo do telemóvel, porque é o único instrumento que tenho para ouvi-la e, portanto, já não conseguindo viver só para o telemóvel [porque ele levanta-se de manhã e vai imediatamente verificar se ela lhe escreveu], apresentei o problema na Escola de Comunidade”. Simples: ele tem o desejo de amar e parece-lhe que a distância é um inimigo, não consegue viver. Então pede ajuda aos amigos, não se rende diante da urgência que tem de ser “escandalosamente feliz”. Continua: “O que me impressionou na Escola de

Comunidade foi a intervenção de um rapaz [...]. A minha primeira reacção diante do testemunho dele, foi: ou ele é um fanático [aquilo que diz não é possível] ou eu também posso amar fazendo as coisas que tenho que fazer, vivendo a minha vida [e ele arriscou nessa segunda possibilidade]. [...] Passados alguns dias [...] aconteceu-me uma graça que não sei bem como explicar; [...] estava a comer com os meus amigos e fiquei comovido porque dei-me conta de que ali, com aqueles quatro amigos, estava a acontecer uma coisa grande que me fazia amar a minha namorada mesmo que ela não estivesse comigo ou não tivesse me escrito [...]. Acontecia alguém, Alguém que me fazia amar de verdade a minha vida, [...] percebia um bem em mim, [...] eu amava-a e parecia que ela estava ali connosco. Não consigo esquecer este facto; não é que eu estivesse bêbado e o tenha imaginado, aconteceu. Tenho necessidade de retribuir o amor a este Alguém, de dizer o meu sim [...]. Portanto, desejo muito ir ao Tríduo porque quero passar três dias com Jesus”.

Este é o ponto: seguindo, que significa dizer sim, encontro uma realização que não tinha imaginado. Aquele rapaz não pensava que fosse possível amar a rapariga sem estar perto dela e, em vez disso, a distância deixou de ser um obstáculo, tornou-se uma oportunidade para encontrar um bem. Então, seguir é dizer sim aderindo ao Mistério através do instante; isto é, seguir uma ordem que já existe e que não é tua. Identificar-se com alguém que faz surgir dentro de nós a exigência do coração, que torna a vida “movimento”. Seguir, obedecer, dizer sim. Seguir nas circunstâncias, inclusive naquelas que se apresentem como sacrifício.

Amigos, depois do encontro, ainda podemos sentir dificuldade. Até Abraão se lamentou, até Moisés tremeu. Ninguém é poupado do drama de ser homem. Mas há sempre a possibilidade de uma escolha: a solidão e a desistência ou a adesão ao Ser. Nós muitas vezes, diante da primeira dificuldade, criamos uma objecção, e dizemos: “Não é possível”, e chegamos até a rezar, pedindo: “Senhor, não quero esse drama”, recuamos e, assim, pouco a pouco, caímos no cepticismo. Pelo contrário, aquilo que não deve nunca faltar em nós é a adesão leal à correspondência percebida: quando a emoção já não acontece, quando já não sentimos o impacto inicial do encontro, o que deve permanecer em nós é a adesão leal a Cristo, a afirmação daquilo que Ele fez, daquilo que Ele te deu. Esta afirmação é a coisa mais razoável que existe; reconhecer o Ser em vez de afirmar o meu nada.

A autoconsciência, o facto de que o encontro se torne o pensamento dominante da vida acontece dentro do seguimento. Cantemos *Lasciati fare*.

Lasciati fare

O FRUTO DO SEGUIR

Este encontro torna-se o pensamento dominante do meu ser e do meu agir – vemos isso na vida dos apóstolos, na vida de Pedro – quando vivo com Cristo (comunhão), quando digo sim não à ideia, à reinvenção daquilo que aconteceu, mas à intuição do verdadeiro, à correspondência experimentada.

Então, é justo perguntar-se qual é a consequência existencial do seguir, ou seja: o que é que acontece em mim? Quando segues, quando vives com Cristo, redescobres-te a ti mesmo reconhecendo e pertencendo-Lhe, dizendo-Lhe sim. O sentimento do eu que surge do pertencer é como o de um parto, é uma realidade nova que não podias imaginar. Oçam esta carta: “A minha experiência nos Liceus começou há cerca de um ano, altura em que posso dizer que me encontrava exactamente como Dante no início da *Divina Comédia* [bonito, isso!]: encontrava-me numa espécie de selva escura. Foi um momento um tanto ou quanto pouco negro da minha vida, e até esse momento tinha seguido, de certeza, um caminho errado, embora a aparência parecesse a melhor e a mais cómoda [o burguesismo, meus caros! A mais cómoda, aquela que parece a melhor, a aparência]. Este caminho que fiz com os Liceus foi como, para Dante, a viagem ao além-túmulo, fez-me abrir os olhos, e aprendi a olhar para a vida e para os relacionamentos humanos de um modo diferente, e fez-me redescobrir a mim mesmo, o meu verdadeiro eu, porque até aquele momento tinha sido alguém falso, que não conhecia [bonita, esta carta!]. Tudo começou com um encontro, exactamente como quando Dante encontrou Beatriz. [...] Foi a mesma coisa para mim, o encontro com a minha “Beatriz” fez-me começar uma vida nova. [...] Aproximei-me dela [...] porque vi que

nela havia alguma coisa de especial, algo brilhante, como uma estrela. Assim, comecei a seguir [este é um de vocês]. Quer dizer, por outras palavras, comecei a entrar na vida dessa nova amiga, a estreitar uma relação de amizade com ela. Ela fascinou-me pelo seu modo de pensar, pelo modo como encara as coisas, pelo modo como se envolve e, sobretudo, pelo modo como se relaciona com os outros. Em suma, apaixonei-me pelo seu modo de viver. Este impacto com ela suscitou logo em mim muitas coisas. Fez-me redescobrir uma parte de mim que já tinha esquecido. Com ela, podia ser eu mesmo [...] finalmente, graças à minha “Beatriz”, encontrei-me a MIM”.

Quando atravessamos a soleira e entramos em relação com Cristo, com o outro, acontece uma mudança, uma transfiguração do nosso rosto. Já não é o meu olhar, mas o de um outro, o de Cristo. Quando dizemos sim, a maneira como nos relacionamos com os outros, o modo de estar na aula, o modo de cumprimentar os pais, de viver a morte de uma amiga querida, tudo muda radicalmente. O nosso amigo continua: “No início não percebia bem em que consistia esta companhia. [...] Porém, tinha entendido uma coisa. [...] De repente, sentia-me feliz, vi na amizade deles e na ligação que tinham, algo especial que nunca tinha visto antes [uma correspondência]. [...] Com eles, conheci um novo tipo de amizade, verdadeiro e puro [...] [que] mudou notavelmente a forma como encaro a escola. [...] Mudou completamente a minha forma de conceber a vida, ou fez-me perceber que cada momento da nossa vida nunca é desperdiçado”.

Quando uma pessoa adere à intuição do verdadeiro, o instante readquire uma potência inesperada porque cada instante, cada encontro é dado para o meu bem, para mim. Esta é a promessa de Jesus aos apóstolos: “Quem me segue terá a vida eterna e o cêntuplo aqui”²³. Mas o cêntuplo aqui não são as coisas cem vezes mais do que tu normalmente as sentes ou as vês. É ainda mais. É uma outra coisa. É uma vida nova. É experimentar um bem mesmo nas circunstâncias difíceis que te causam dor, no mal, na distância. É experimentar uma vida que é mais vida, mais cheia de desejo, mais apaixonante. Quando o instante é vivido segundo a sua verdadeira natureza, que é a modalidade com a qual o Eterno te toma e te diz: “Vem”, e tu dizes: “Sim, eis-me aqui!”, então a vida torna-se uma coisa enorme. Leio-vos outra carta: “Em Outubro, descobriram uma doença à minha mãe. Nos primeiros dias em que fui visitá-la no hospital sentia uma mágoa e, a um certo ponto, disse a mim mesma: aqui, há dois modos de viver; ou começo a viver este sofrimento como se nada fizesse sentido (coisa que fiz inicialmente) ou começo a pedir, a perguntar por que é que isto aconteceu, como enfrentá-lo, como posso estar diante disto”. Cá está, de novo, o ponto decisivo: posso afirmar a minha ideia, condenando-me a dizer que nada tem sentido, que tudo é morte, que nada vale, ou posso afirmar um Outro e pedir, seguir, dizer sim. A carta continua: “Comecei a ir à missa todas as manhãs antes de ir para a escola e pedi para poder olhar para aquele momento difícil não como se fosse um obstáculo. Realmente dei-me conta, neste período, de que aquilo que antes me parecia sem sentido [a doença da mãe] e que via só como um peso enorme, está a fazer-me crescer. [Como é possível?] [...] Comecei a querer estar mais em casa, coisa que no ano passado queria evitar o máximo possível e, pouco a pouco, começo a olhar até para o estudo não só como uma coisa que me é imposta, mas como uma oportunidade [...]. Percebi que comecei a estar diante das circunstâncias de um modo que nunca tinha experimentado e, sobretudo, contente [“sobretudo, contente”. Alguém que a ouvisse dizer isso, exclamaria: “Tu és doida!”, de tanto que parece impossível aquilo que ela está a dizer]. Todas as manhãs, peço que esta beleza que vi nestes meses, continue”.

O valor do instante não está no reflexo sentimental ou emotivo que ele gera, mas no facto de que tu, ao dizeres “Sim”, tendes a aderir ao grande desígnio de um Outro, tendes ao Destino. O conceito do inútil é abolido para quem decide aderir. Nada é inútil. O útil, o belo, não é determinado por ti, pelo teu limite, pelo modo como tu sentes, pela tua emotividade. Seguir Cristo na Sua companhia produz uma mudança, uma capacidade de relacionamento que é cem vezes maior do que antes. Essa é a vitória de Cristo: a redescoberta do humano. Cada momento da vida já não é desperdiçado.

Assim que tu entras, que atravessas a soleira abraçando essa estranheza, decidindo seguir, a consequência inexorável e imediata é um amor inesperado pelo instante no qual alguém se embate,

não importa a forma que tenha: o amor ao homem que se encontra, amor ao trabalho, amor à doença, à dificuldade, ao sacrifício, à alegria, ao amigo.

Aderir à vontade de Deus, dizer sim, dá paz e letícia e dá-te a energia para viver e agir. A companhia de Cristo transforma: muda o modo de ver as coisas, muda a inteligência, o modo de se afeiçoar, o modo de trabalhar, gera uma vida nova.

A fé cristã torna-se madura, cheia de convicção como a de Pedro, na medida em que tu podes dizer que experimentaste a realização desta promessa, a mudança da vida, a vida nova que a adesão a Cristo traz. Cantemos *A New Creation*.

A New Creation

DA MORTE À VIDA: A VIRGINDADE

Gostaria de ler com vocês algumas passagens de um livro muito bonito que lhes recomendo se quiserem perceber, ou melhor, se quiserem identificar-se com aquilo que foi dito hoje. Chama-se *A Anunciação a Maria*. É uma peça de teatro de Paul Claudel, onde encontramos, quase de modo resumido, os conteúdos de hoje. Para ficar claro, conto um pouco da história.

A protagonista chama-se Violaine, é uma mulher muito simples, cuja riqueza é a de responder com o coração, em cada instante, ao pedido que o Mistério de Deus lhe faz durante a vida. Tiago é o seu namorado. Ele é perfeito, trabalhador, fiel, preciso. Um homem, porém, para quem a medida da vida é o dever, assim como é percebido por ele. Ele não desperdiça a vida: tudo deve ser calculado, preciso e correcto, mas segundo a sua medida.

No início, Violaine tem a sorte de que tudo aquilo que Deus lhe pede corresponde ao que deseja. É feliz. Vai-se casar com um homem escolhido pelo pai, Tiago, que ela ama. Mas, para Violaine, esta correspondência simples entre a sua ternura, o seu desejo humano e a vontade de Deus de repente parte-se, rompe-se com um beijo. Com a mesma amorosidade com que obedece àquilo que lhe é dado pelo Mistério todos os dias, obriga-se a compartilhar com Pedro de Craon (um construtor de Catedrais, leproso, que tinha tentado violentá-la) o amor recebido com um gesto de caridade muito simples: um beijo; um beijo, por compaixão e para compartilhar a dor daquele homem, e o anel de noivado, a única coisa que possuía.

Mara, irmã de Violaine, vê esta cena e, com ciúmes da irmã, porque também está apaixonada por Tiago, vai ter com o noivo da irmã para acusá-la de traição. Tiago não acredita nela porque ama Violaine. Pensem: Violaine ama Tiago e este amor correspondido é também desejado por Deus e por seu pai. É tudo perfeito. Mas aquele beijo de caridade dado ao construtor de catedrais, leproso, tem consequências inesperadas. De facto, Violaine tem que contar ao seu prometido esposo uma coisa terrível: naquela manhã, viu no seu próprio seio a primeira flor da lepra. Ela tornou-se leprosa. Violaine tem consciência de que a notícia colocará o noivo à prova, sente a mortificação, o drama. Não é que Violaine pense que Tiago não a ame, mas a resposta diante do sinal da lepra será a prova se ele a ama inteiramente. Violaine tem que lhe contar. Vamos ouvir a conversa dos dois:

“Tiago: Então é verdade, Violaine, é hoje o dia do nosso noivado?”

Violaine: Tiago, ainda é tempo, ainda não estamos casados! Se não quiseste senão dar gosto a meu pai, ainda te podes arrepender, porque é de nós que se trata. Diz uma palavra somente; eu não te levarei a mal, Tiago. Porque ainda não há entre nós os dois promessa alguma e nem sei se te agrado.

T: Como és bela, Violaine! E como é belo o mundo em que tu existes; a parte do mundo que me estava reservada!

[...]

V. Tiago! Apesar de tudo não faço mal nenhum amando-te. É a vontade de Deus e de meu pai. És tu que tens obrigação de velar por mim! E quem sabe se saberás defender-me e preservarme? Basta que me dê a ti completamente. Tudo o mais é contigo e não comigo.

T: E foi assim que te entregaste a mim, ó flor do sol?

V: Sim, Tiago.

T: Quem te roubará então dos meus braços?

[...]

V: Quem tomar uma mulher, fará com ela uma só alma numa só carne e nada mais os poderá separar.

T: Sim, Violaine.

V: Tu o quiseste! Não convém portanto que eu esconda nada e que guarde por mais tempo para mim esse grande, esse inefável segredo.

T: Outra vez esse segredo, Violaine?

V: Tão grande, na verdade, Tiago, que o teu coração ficará saciado, que não me pedirás mais nada e nunca mais seremos arrancados um do outro. Uma comunhão tão profunda que nem a vida, Tiago, nem o inferno, nem o próprio céu a farão acabar jamais, nem jamais farão cessar este momento em que eu to disse na fomalha deste sol terrível aqui presente que não nos deixava quase ver a cara um do outro!

T: Fala então!

V: Primeiro diz-me uma vez mais que me amas.

T: Amo-te.

V: E que sou a tua senhora e o teu único amor.

T: Minha senhora, meu único amor!

V: Diz-me, Tiago, nem o meu rosto, nem a minha alma te chegaram, não foram bastante? E tu também ficaste preso à grandeza das minhas palavras? Vem conhecer o fogo que me devora! Vem conhecer então esta carne que tu amaste tanto! Anda aqui. Põe-te mais perto de mim! Mais perto! Ainda mais perto! Junto ao meu lado. Senta-te neste banco. E dá-me o teu punhal. [...]

T: É o mal? É o mal, Violaine?

V: É, sim, Tiago.

T: A lepra!"²⁴.

Violaine pede para ser abraçada mesmo tendo lepra porque, se alguém ama, abraça o outro mesmo que ele seja leproso. A jovem vê na lepra um bem, a possibilidade de realização; não uma condenação, mas uma promessa "Tão grande, na verdade, Tiago, que o teu coração ficará saciado, que não me pedirás mais nada e nunca mais seremos arrancados um do outro. Uma comunhão tão profunda que nem a vida, Tiago, nem o inferno, nem o próprio céu a farão acabar jamais, nem jamais farão cessar este momento em que eu to disse na fomalha deste sol terrível. [...] É tão grande aquilo que estou para te dizer que o teu coração ficará saciado".

Para Tiago, pelo contrário, aquele sinal indica uma ruptura e ele gostaria que não existisse. Por isso, responde a Violaine: "Ah, é terrível demais! [...] Fala, suplico-te! Diz-me que isso não é verdade"²⁵. Consciente de que a ama, de que seu amor não desapareceu, Tiago diz: como é possível? Ele não quer isso porque não é a realização como ele a tinha imaginado. E, então, manda Violaine embora, para fora da cidade, para viver sozinha, marginalizada. Tiago vive segundo a sua medida, a sua medida de justiça. Fez aquilo que estava certo porque, naquela época, a lepra era considerada um castigo pelos pecados, portanto, aquele sinal, aos olhos de Tiago, é a prova evidente da denúncia feita pela irmã. A justiça do homem não pode aceitar um amor infinito que não coincide com a própria medida. Exilada, Violaine vive sozinha longe da cidade, levam-lhe a comida quotidiana e a lepra, por fim, cega-a.

Nesse interim, Mara, a irmã ciumenta de Violaine, casa-se com Tiago. Os dois têm uma filha que morre de repente enquanto Tiago está fora. Mara pensa que foi a irmã que matou a sua filha para se vingar. Por isso, de manhã bem cedo leva o cadáver à leprosa e atira-o para cima dela. Violaine toma nos braços o corpo da menina, um fio de leite sai de seu seio leproso, toca a boca da menina e ela ressuscita. É um milagre. Doida de alegria, Mara leva a menina para casa. Tiago, que não sabia o que tinha acontecido, chega e não consegue deixar de olhar para os olhos da menina que, depois do milagre, assumiram a cor dos olhos de Violaine. Mara, ao ver o seu marido a olhar

para aqueles olhos, chega ao auge do ódio, regressa até onde está a irmã e atira-a para debaixo dum carro de areia.

Percebem, meninos? Segues a tua justiça, segues a tua ideia e isso leva-te ao ódio, ódio pelos outros, ódio por ti mesmo. Violaine, pelo contrário, não vive segundo uma medida humana, para ela a tarefa da vida não é viver de acordo com a própria ideia. Mas isto não é imediato; que a realização do amor seja não poder abraçar fisicamente, a ponto de ser mandado embora por aquele que te ama, não é imediato! Todavia, reconhecer Cristo através dessa dor intensa, através da normalidade da obediência quotidiana, traz vida, traz um bem. E este é o milagre. O milagre da mudança que tu, também tu, podes experimentar. Aderindo à vontade de Deus, a vida renasce. Da minha carne putrefacta e moribunda jorra a ressurreição, não como eu a tinha imaginado, mas cem vezes mais; é uma outra coisa, talvez não esteja em conformidade com os meus sentimentos, mas é vida, amor verdadeiro, porque é este o amor que eu desejo: ser amado pelo outro mesmo que eu seja leproso, ser abraçado na minha dor, no meu limite. A alternativa é a mesquinhez correcta de Tiago e Mara, a mesquinhez da própria medida que só aceita aquilo que é possível ao homem e que, em última instância, não leva a nada além de violência e destruição, nada além de desolação, nada além de desistir de tentar ser feliz.

O pai de Violaine, que volta no fim da peça, descreve exactamente esse cêntuplo, dizendo, diante do corpo da filha morta: “Viver será a finalidade da vida? [...] O fim não é viver, mas sim morrer, e não armar a cruz mas subir à cruz, e dar o que temos com alegria! Ali está a alegria, ali está a liberdade, ali a graça, ali a juventude eterna! [...] Que vale o mundo em frente da vida? E para que vale a vida senão para a darmos? E porque nos havemos de atormentar quando é tão simples obedecer?”²⁶.

O olhar de Violaine, o amor que jorra dela, não é o resultado de um moralismo ou de um voluntarismo, mas é uma vida nova, um modo novo de enfrentar a vida que jorra da identificação com Cristo. Este novo olhar sobre a vida chama-se “virgindade”. Este olhar novo indica a modalidade de posse própria de Cristo, que morreu na cruz por amor a ti, para que tu possas ser tu mesmo. Este olhar novo indica a modalidade de posse que Cristo teve e tem da realidade: uma posse da realidade segundo o seu destino eterno, um relacionamento com o amado pelo seu destino, segundo a modalidade revelada por Deus à própria alma. Viver o relacionamento com uma pessoa sem amar o seu destino é não amar.

A virgindade é dizer “Tu” ao amado, afirmar que o destino do amado não sou eu e, por isso, não posso fazer dele aquilo que eu bem entender. Tu és outro além de mim, não és o resultado da minha ideia, do meu pensamento, és outro além de mim. Que dignidade, que sacralidade poder dizer verdadeiramente “Tu” ao amigo, à namorada. “Tu”! E, assim, se eu olhar para ti segundo a tua verdadeira origem, segundo o teu verdadeiro destino, segundo aquilo de que, em última instância, tu és feito, exactamente quando te olho assim, a tua figura torna-se poderosíssima aos meus olhos, a tua realidade, amadíssima, a tua forma, adorável. Se a pessoa nunca amou assim, se nunca sentiu essa onda dentro de si, essa reverência, essa adoração imprevista para com o rosto da pessoa amada, para com o rosto do amigo, ainda não experimentou o que é o amor.

Que história, meninos E vocês preocupam-se em não sentir aborrecimento nas aulas, em encontrar a namorada... mas olhem que possibilidade! Quando Cristo se torna o pensamento dominante da nossa mente e da nossa acção, tudo, até a morte e a dificuldade, tudo se torna adorável, amável. Nada é desperdiçado. Nada é inútil. Esta é a promessa: a realização do teu desejo de ser escandalosamente feliz. O caminho é simples. Basta dizer sim com simplicidade e lealdade. Cantemos *Favola*.

Favola

Gostaria de fazer um apontamento de método muito simples. Espero ter-vos comunicado como é que eu sinto, como é que senti, a partir dos contributos que vocês enviaram, o mistério no qual estamos a participar. Na Sexta-feira Santa, temos a celebração da comunhão, a Eucaristia, o ser “um” com Ele; no Sábado Santo, vamos caminhar com Cristo através da Via-sacra. Então, a

indicação é muito simples: é preciso identificarmo-nos. Para te identificares com alguma coisa que não sejas tu, é preciso seguir as indicações que te são dadas, é preciso seguir uma ordem que não foste tu a dar-te. Por isso, faço votos de que, sobretudo, vocês não reinterpretem ou reinventem, mas adiram com simplicidade e lealdade. Terão também muitos momentos de silêncio nestes dias, utilizem com inteligência os instrumentos dados: leiam o livrinho, os vossos apontamentos, não com a intenção de perceberem abstractamente, mas de penetrarem, de se identificarem com aquilo que foi dito. Que o caminho da Via-sacra seja um caminhar com Cristo. Que todos os momentos que irão viver nestes dias sejam um entrar dentro, um atravessar a soleira desse relacionamento. Também haverá muitos momentos em que estarão distraídos. Como vos dizia ontem, não há problema: assim que nos apercebermos da distração, recomeçamos! Se eu me distraio, se o amigo se distrai, eu ajudo-te, e recomeçamos. Cristo prometeu que quem entra neste relacionamento recebe o cêntuplo, uma vida nova. Esta é a verificação a ser feita. Garanto-vos que é verdade. Boa continuação!

ASSEMBLEIA, JOSÉ MEDINA
19 de Abril, Sábado de manhã

Ballata dell'uomo vecchio

Lela

Il popolo canta

Aberto Bonfanti. A riqueza e a vivacidade das assembleias feitas nos hotéis testemunha que cada um de nós participou pessoalmente no gesto destes dias, feito de escuta, cantos, oração pessoal, caminho. Todos se envolveram, se compararam com a proposta. Escolhemos algumas perguntas que nos parecem tocar alguns pontos fundamentais, não para exauri-los, mas para começar um trabalho que continuará nos próximos meses.

Gostaria de começar a assembleia lendo, antes de mais nada, a mensagem que o nosso amigo padre Julián Carrón fez questão de nos enviar, mesmo estando na Nova Zelândia e na Austrália para encontrar os nossos amigos que vivem lá. É impressionante como ele sintetiza de modo admirável o coração da proposta que fizemos nestes dias.

“Caros amigos, mais cedo ou mais tarde, o desejo de ser feliz aparece na vida de cada um. A partir daquele momento a vida é diferente. E a pessoa percebe que é algo sério. ‘A vida é minha, irredutivelmente minha’, dizia *don* Giussani. Nada é tão sério quanto a vida, porque está em jogo a felicidade, ou seja, a razão de viver.

E, então, a vida torna-se dramática.

Porquê?

Porque já não se pode viver como se um desejo assim tão ardente não se tivesse manifestado.

Pelo simples facto de me aperceber dele, eu torno-me diferente. Desde que me apercebi dele, deixei de ser uma criança.

Assim começa a aventura do viver. E a luta.

É a luta entre levarmos a sério este desejo ou fingirmos que não o sentimos.

Porém, existe um inconveniente: é necessário querermo-nos realmente bem para nos envolvermos nesta luta para a qual todo o meu ser, toda a minha humanidade, me empurram implacavelmente.

A vida é, afinal de contas, um problema de afeição. De afeição a nós mesmos.

Justamente para despertar esta afeição, “Um morreu por todos”. E, ressuscitando, venceu. Como documentam os rostos de Pedro e João na corrida para o sepulcro na manhã da ressurreição.

Quem não deseja uma afeição assim?

Feliz Páscoa, amigos.

Julián Carron²⁷.

Na quinta-feira, surgiu a questão do deserto, de ter o deserto à nossa volta; e tu disseste que embora a pessoa veja o deserto avançar e se dê conta do deserto, ela não lhe pertence, e que embora a pessoa se dê conta do próprio limite, da própria dor, não pertence àquele limite e àquela dor. Na verdade, para mim, isso não fazia sentido porque normalmente percebo os meus limites, as coisas com que tenho dificuldades, as coisas que não percebo, e acontece-me exactamente o oposto: sinto-me esmagada por estes limites. Também disseste que faz parte da natureza do coração do homem dar-se conta do limite e não pertencer a ele. Ouvindo-te falar, parecia que isso era uma coisa natural, quase espontânea, automática, porém, comigo acontece exactamente o oposto. Por que é que dizes que a pessoa percebe que não pertence ao deserto e como é que faço para não pertencer, para não ser esmagada pelos meus limites?

José Medina. De todas as coisas que foram ditas, esta foi a que te marcou mais. Porquê?

Porque eu a sinto mais no dia-a-dia do que as outras.

Medina. E por isso, dás-te conta disso. És tocada por este ponto que te julga, que tem a ver contigo. Lembras-te do que dissemos antes de fazer a citação de *don Giussani* sobre o deserto?

Não.

Medina. Logo no início, na quinta-feira à noite, falámos do facto de que diante da vida, quando partimos da ideia de que podemos resolver tudo sozinhos, mais cedo ou mais tarde percebemos que não damos conta. E então, o limite, o facto de não dares conta, incomoda-te, porque não queres ser limitada por nada. Diante deste limite, normalmente, o que é que fazes?

Irrito-me, porque percebo como me deixo sempre limitar, esmagar, até por coisas banais. Por isso, digo-me: não é possível que eu crie tantos problemas ou que aconteça alguma coisa durante o dia, mesmo pequena – uma discussão com minha mãe, uma nota má na escola ou não conseguir sair com meus amigos –, e que tudo o resto seja determinado por isso.

Medina. Então, se diante do limite, tu dizes: as coisas não estão bem, e fazes outras experiências e ainda nada está bem, e outras ainda e não está bem, e nada está bem, o que é que dizes sobre a vida? Se juntas todas estas circunstâncias, o que é a vida para ti? Se dizes que tens o desejo de ser perfeita, ilimitada, de que a vida seja realmente bela e depois te vês diante de tantas circunstâncias que não são como querias, então, o que é a vida?

Dito assim, parece que não sobra nada.

Medina. Parece que não sobra nada, seria uma condenação viver assim. Imagina que tinhas sede e alguém te dizia: “Queres água?”. E tu: “Sim, quero”. E ele: “Não podes tê-la”. Um pouco depois, diz outra vez: “Queres água?”. “Sim”, respondes tu e ele, de novo, diz: “Não, você não pode tê-la”. Tu desejas a água e tens a intuição de que é necessária para ti. Mas se o que te acontece é que não podes ter a água que está à tua frente, o que é que a vida te parece? Uma pessoa volta-se para Deus e pergunta: “Desculpa, mas por que é que me criaste com este desejo impossível de ser satisfeito?”. Nietzsche dizia: odeio-me a mim mesmo, odeio o meu desejo, porque sempre que levo a vida a sério, sempre que por um instante faço experiência deste desejo, nada o realiza. Então, se a vida é isto, o que é que tu fazes? Desistes. Muitas vezes, dizemos: “Tenho sede, mas como não há água ao meu alcance, então não tenho sede”. Mas basta esquecer e convencermo-nos de que não temos sede? Isto parece-te razoável?

Não.

Medina. Há uma outra possibilidade, que é profundamente razoável e humana: reconhecer que, se eu tenho este desejo dentro de mim, há algo que pode realizá-lo. Mas chegámos ao ponto (falámos sobre isto na quinta-feira, durante a introdução) de fazer todo o possível para esquecer o nosso desejo. Mas tu não podes dizer-me que isto é razoável ou humano, porque o desejo está em mim de qualquer modo, não sou eu que o crio. Tu desejas ser amada, mas como ninguém te ama, como esse amor que tu queres não se vislumbra agora, tu dizes: “Não, isto é só um pensamento, não é uma coisa assim tão importante”. Então, dares-te conta desse desejo que tu tens e perceber o limite, o que é que diz sobre ti própria? Se tens o desejo de ser amada, mas ser amada totalmente

não te parece possível; se queres ser feliz, mas as coisas que fazes ou que os outros podem dar-te não te fazem feliz, o que é que isso diz sobre ti? Nós procuramos a felicidade, realmente tentamos encontrá-la. Arranjas um namorado, tentas estudar para ter uma carreira que te realize, mas nada parece realizar o teu desejo. Esta é a realidade de todos. Tu gostarias de ser amada sempre, mas parece impossível, parece que há um limite insuperável. O que é que isso diz sobre ti própria?

Que não sou capaz, que não sou capaz e basta.

Medina. Aí está, tu deténs-te a constatar o limite. Eu proponho que vás mais além. Tu dizes: eu não sou capaz, a realidade não é capaz, vocês não são capazes de realizar o desejo que têm. Eu digo: diante do limite, surge em mim o pensamento de que talvez eu não tenha sido feito para este deserto, sou de outro, tenho um sentido, talvez seja louco porque tenho a impressão de que não pertença a este mundo porque nada me satisfaz, nada me basta. Posso ter tudo aquilo que quiserem, todo o dinheiro, tudo aquilo que vocês puderem imaginar, mas não me basta. Agora repete-me aquilo que percebeste.

Que, se eu percebo que neste mundo, de tudo aquilo que posso ter, nada me satisfaz, então, normalmente peço para me tirarem o...

Medina. Dás-te conta que aquilo que estás a pedir é para o desejo te ser tirado?

Não sei. O desejo existe, porém peço: “Satisfaça-o”, pelo menos, assim, fico tranquila.

Medina. É interessante, porque tu pedes para tirar o desejo, para fazê-lo desaparecer porque assim pelos menos ficas tranquila; não pedes a sua realização. Diante da experiência do desejo de água, tu dizes: “Jesus, faz-me não ter sede”, não lhe pedes água. Estão a perceber? Diante do desejo de seres amada, pedes: “Senhor, não me faças sentir este desejo de ser amada”, e não perguntas, em vez disso: “Senhor, tu amas-me?”. Percebem a diferença? Afinal de contas, a mentalidade dominante em que vivemos documenta-se exactamente como vontade de eliminar o desejo, de cancelá-lo. Mas eu não quero esquecer o desejo de me realizar, quero encontrar aquilo que me realiza. Para ti, é a mesma coisa?

Acho que não. Não sei, não saberia responder. É difícil.

Medina. Imagina que está numa prisão, sentada numa cadeira, atrás das grades, numa pequena cela. Estás lá, presa: o que é que pedes?

Para sair.

Medina. Perfeito. O que é que a experiência daquela realidade faz surgir em ti?

O pensamento de que não quero ficar ali.

Medina. Quer dizer, desejas ser livre. Então, diante desse desejo, o que é que tu fazes? Uma vez que as grades estão lá e não podes sair, tu dizes: “Senhor, não me faças sentir que não sou livre, não me faças sentir como escravo. Eu fico na prisão, basta que não sinta esse desejo de liberdade”. Esta atitude parece-te razoável?

Não.

Medina. Parecerias louca se te comportasses assim. Estás lá sentada... “Queres ser livre?”. “Não, na verdade, não. Simplesmente não quero sentir este desejo de liberdade que tenho dentro de mim”. Por isso, muitas vezes, a nossa oração é piedosa, porque pedimos ao Senhor para eliminar a nossa humanidade; diante da dor que experimento, peço ao Senhor para me tirar o desejo. Mas, se tu estivesses na prisão e quisesses ser livre, o que farias?

Pediria para sair.

Medina. Pedes para sair. E se não te deixam sair, o que é que fazes? Pedes a algum amigo um pouco mais esperto que te ajude a fugir? Se fores inteligente, olhando para esta experiência, o que é que esse desejo de liberdade que tens te diz? Evidentemente, nunca estiveste na prisão, então imagina que estás numa aula: estás na aula e não aguentas, estás aborrecida e dizes, um pouco como dizia Jesus na primeira parte da sua conversa com o Pai: “Afasta de mim este cálice”. Estás na aula como se estivesses na prisão e queres ser livre; o que essa experiência diz sobre você?

Que o meu desejo é ser livre.

Medina. O teu desejo é este, mas a realidade está a dizer outra coisa. Então, tu pertences à realidade ou és outro?

Sou outro.

Medina. A experiência que fazes todos os dias diz-te imediatamente que és outro, que não és deste mundo e por isso, imediatamente, comesças a procurar outra coisa, porque este mundo é muito pequeno para ti, é muito pouco para ti. E isso parece-te uma experiência natural, simples. É simples, mas não é automática. Eu tenho um grande desejo no meu coração: o desejo de ser livre e de ser feliz, de amar e ser amado e, ao mesmo tempo, percebo uma desproporção imensa, porque parece que tudo à minha volta não é capaz de realizar este desejo. Então, eu considero tudo isto e digo: eu não sou deste mundo, talvez venha de um outro mundo, sou um extraterrestre. Conheço as coisas, mas é como se não as *sentisse*, não me são familiares, não me bastam, quero outra coisa. Pensava nisto há alguns anos, quando via o filme do *Super-Homem*: o protagonista cai na Terra vindo de outro planeta, vive com uma família, mas sente-se sempre desconfortável. Tu pareces-te comigo, tens um rosto como o meu, mas eu não sou tu, tu não me bastas, talvez eu seja de outro mundo! Este filme reflecte uma experiência quotidiana. É exactamente dentro da experiência do limite que eu me dou conta de não ser deste mundo, de que há algo dentro de mim que pertence a um Outro. É neste sentido que, na quinta-feira, eu dizia que é natural reconhecer isso. É natural porque se olhares para a tua experiência, descobres isso. Não confundamos, porém, aquilo que é natural com aquilo que é espontâneo. É natural, não é automático, não é automático! Pensa um pouco: a dificuldade que tu e eu tivemos na nossa conversa deriva do facto de que aquilo que é automático para ti é não seres tu mesma, é dizeres, diante do desejo de água: “Eu não desejo água”. Tu apaixonas-te, queres ser amada por aquele rapaz, mas dizes: “Não, eu não estou apaixonada”, e convences-te disso. Isto é automático em nós: eliminar aquilo que somos pensando que, assim, ficaremos tranquilos. Diante da estranheza que sinto, do facto de que tudo à minha volta não é suficiente, que eu não sou deste mundo, o que é que eu faço? Digo: “Não é verdade”. Por isso, é preciso um instante de lealdade verdadeira para com nós mesmos. Lealdade, razoabilidade para connosco mas, sobretudo, lealdade e, como dizia Julián, afeição por nós mesmos porque, se eu tenho o desejo de ser livre, então, desejo ser livre. Não me venhas dizer que não tens esse desejo. Não me venhas dizer que o facto de não conseguires libertar-te diminui o teu desejo, pelo contrário, torna-o maior. E isto acontece porque o meu desejo está latente dentro de mim, eu tenho-o de qualquer forma e se, nesse momento, a polícia cercar a sala e disser: “Vocês não podem sair!”, o que acontece com o meu desejo? Torna-se ainda maior, não me digam que diminui ou desaparece porque me dizem que não posso sair. Quanto mais percebo o limite, mais forte se torna o meu desejo. Percebem que isto é natural? O problema é que, em vez disso, o que nos sai, de forma automática e espontânea, é dizer que isto não é verdade. Então, é um problema de lealdade para com nós mesmos, de afeição por aquilo que nós somos. Pensa no que significa encontrar uma pessoa que me permita exprimir-me a mim mesmo e ao meu desejo, que me permita dizer: “Eu quero ser livre”. Tu estás na prisão há vinte anos, ou melhor, estás na escola há quinze anos, a professora está a dar uma aula, até que chega alguém que se senta ao teu lado e desperta o teu desejo, permite-te seres leal contigo mesma. Isto já é um bem, porque a sua companhia, a sua proximidade, permite-te ser tu mesma, permite-te vencer a inércia do espontâneo, do aparente e faz-te dizer: “Todos fazem assim, há quinze anos que vou à escola, todos vamos, é preciso ir”, que te permite vencer a postura que, diante do desejo de ser livre e feliz, te faz dizer: “Esquece isso!”. Ao contrário, alguém que te permite seres tu mesma é interessante porque significa que esse outro, que não é deste mundo, está aqui. Então, o que te diz isto que acabei de dizer sobre a tua pergunta?

Que tenho que me amar, que não devo limitar o meu desejo porque eu o tenho, por isso...

Medina. Está bem assim! Tu percebeste que o problema da vida é amarmo-nos e sermos leais com nós mesmos. O facto de eu perceber o limite à minha volta faz-me imediatamente descobrir que eu não sou só isso, que sou outro. Dizer: “Tenho que me amar”, faz-te imediatamente sentir que a urgência da tua vida é encontrar alguém que te permita amares-te, porque tu sozinha não consegues. A tua urgência é a de encontrar alguém que te permita seres tu mesma. Então, a vida torna-se mais simples, porque agora tens um pedido com o qual te posicionas nas circunstâncias: eu

quero encontrar alguém que me permita desejar, ser eu mesma, caminhar. E quando encontras uma pessoa, como podes descobrir se é mesmo ela que te permite seres tu mesma?

Quando percebo logo uma mudança.

Medina. Quando percebes logo que, estando com ela, o teu limite já não te incomoda, no sentido que dizias: “Esmaga-me, faz-me esquecer de mim mesma”, mas faz-te desejar mais. Infelizmente temos medo de desejar. Estamos como que sentados numa prisão e, quando surge em nós o desejo de ser felizes, esmagamo-lo.

Obrigado.

Nestes dias, foi dito que para podermos afirmar-nos a nós mesmos é necessário reconhecer um outro porque, no fim, todas as outras opções são vãs. A minha dúvida é se não há o risco de perder a individualidade, isto é, de no fim, aquele eu que eu afirmo não ser verdadeiramente eu.

Medina. Pensa naquilo que acabei de dizer à tua amiga. Se tu queres realmente amar-te, tens que encontrar alguém que te permita seres tu mesmo.

Mas se encontrar esse outro significa colocar-se completamente nas suas mãos, desse modo, não és tu, mas é ele. Como disseste quinta e sexta-feira, para me poder reconhecer verdadeiramente a mim mesmo não devo centrar tudo em mim, não devo ver tudo pensando em mim como único protagonista, mas...

Medina. Vamos ser leais com aquilo que acabámos de dizer, porque a tua objecção é uma interpretação daquilo que eu disse. Então, é preciso perceber bem o que eu disse. O facto de que eu, a minha presença, te faça sentires-te mais tu mesmo, significa eliminar-te?

Não, nesses termos, não, porém, quando se torna mais radical, isto é, quando passa do dizer que tens um amigo a dizer “o amigo és tu”, quando alguém te diz que para seres tu mesmo precisas de ser aquele amigo, a coisa é menos óbvia.

Medina. Se estando comigo tu te sentes mais tu, se é realmente bonito estar comigo, se realmente gozas a vida, o que dizes disso? Passaste três dias aqui; foram dias bonitos?

Sim.

Medina. E como te sentiste?

Bem.

Medina. O que experimentaste na companhia de todas estas pessoas? És mais tu mesmo hoje do que na quarta-feira passada? Sentes-te mais tu mesmo?

Acho que sim. Porque estou mais consciente das questões que tenho.

Medina. Muito bem, estás mais consciente. Ter estado aqui com seis mil pessoas ajudou-te. Teres estado comigo, connosco, este fim-de-semana, sentes isso como um bem ou como um mal?

Como um bem.

Medina. E quanto mais tempo passa, e mais tempo gastas connosco, mais essa percepção de bem continua. A certo ponto, pensas: “Estar contigo faz-me sentir realmente bem, sou realmente eu mesmo, não me sinto escravo”, porque é que significa sermos nós mesmos: “não me sinto esmagado pela realidade, mas sinto este desejo dentro de mim que me lança na realidade, realmente gosto da vida”. E então, o que é que fazes com essa experiência?

Continuo a estar contigo.

Medina. Continuas a estar comigo. E continuas. Depois de anos, o que fazes com esta experiência? Se estivesse no teu lugar, eu ficaria um pouco curioso, queria perceber porque é que tu és assim tão correspondente àquilo que eu desejo, porque é que contigo eu me sinto realmente bem, sinto-me mais vivo. Nestes dias, tu fizeste aquilo que querias? Há três dias que estamos todos a fazer aquilo que um outro nos diz. Eu chego ao hotel e dizem-me: “O jantar é às 8; às 8:25 têm que estar outra vez aqui”. Mas em toda esta obediência a um outro, achas que perdeste alguma coisa?

Não.

Medina. Então, a tua experiência nestes dias responde à tua pergunta. Se tu, estando num lugar onde fazes aquilo que te é dito, se obedecendo descobriste um bem para ti e não te perdeste ti mesmo, por que é que tens essa objecção?

Porque nem sempre isso acontece, não é assim o ano todo.

Medina. Por que não? A resposta dos Liceus esgota-se hoje, por acaso? Estarmos aqui seis mil, ouvir alguém que nem fala muito bem o italiano é diferente de estar na aula? Por que é que ir à escola é diferente do ter que fazer aquilo que um outro te diz aqui? Na escola também te dizem o que tens que fazer, por que é que aqui é diferente?

Na verdade, não sei se é assim tão diferente.

Medina. De facto, não é diferente. Então, por que é que o vives de maneira diferente? O que é que há aqui que não há lá? O problema não é aquilo que tu fazes, porque é bastante parecido, aliás, quase que podemos pensar que na escola temos mais liberdade de fazer aquilo que queremos do que aqui. Aqui, dizem-te: “Fica calado no autocarro”. Há alguém na escola que te diz para ficares em silêncio no autocarro? Se na escola te dizem: “Fica calado no autocarro”, tu ficas?

Não, não fico.

Medina. Não ficas. Por quê? Se é a tua professora que o diz...

Não há um motivo para o fazer.

Medina. Porquê? Qual seria um motivo para o fazeres? Para que te serviu o silêncio nestes dias?

Para ter espaço para reflectir.

Medina. Desculpa, mas quando estás na escola, não precisas de reflectir? E o que fazes para reflectir?

Fico calado.

Medina. Mas na escola tu não ficas calado.

De vez em quando, sim...

Medina. Dás-te conta que a nossa vida, aqui, nestes três dias, não é diferente da vida que vais viver na próxima semana? A proposta é clara: fizemos e fazemos Escola de Comunidade, rezamos juntos, olhamos para o que acontece e vemos o que esta experiência diz sobre a nossa vida. Mas, se depois de ter rezado todos estes dias, de levado a vida a sério, de ter permitido que a realidade reconstituísse as perguntas, de nos termos descoberto a nós mesmos, se tu se esqueces de tudo isto e voltas a viver como dantes, por que é que esperas um resultado diferente? É como dizer: tu estiveste aqui, disseste sim duzentas vezes – e não é normal que um jovem faça silêncio, não é espontâneo, tanto é verdade que se o professor te diz: “Está calado”, tu dizes: “É louco!”. É verdade que acontece isso? O espontâneo, para você, é não ficar calado na aula. Porém, alguém, aqui, te disse: “Nestes dias, fica calado”, e tu disseste: “Sim”. Passaste três dias a dizer sim e, no fim, depois de teres feito silêncio, percebeste na tua experiência um bem, constataste que viver assim te faz bem. Então, como é que isso é diferente de estar na escola? Qual é a diferença?

Talvez aqui seja um pouco mais explícito, é mais evidente que é um bem para mim, enquanto que na escola...

Medina. Por que é que é evidente? Se deres um exemplo, talvez eu consiga perceber.

Fiquei contente por fazer a Via-sacra, caminhando e rezando durante quatro horas. Talvez não seja uma coisa em que se pensa: “Vou divertir-me à brava”, mas de qualquer modo, fiquei contente.

Medina. Normalmente, às sextas-feiras, fazes uma Via-sacra de quatro horas com os teus amigos? “O que é que fazes esta noite?”. “Vamos fazer uma Via-sacra de quatro horas”. Não te acontece propriamente dizeres isto. A diferença que eu vejo é que nestes dias tu disseste sim, aceitaste viver a vida como foi proposta por um outro, neste caso, fundamentalmente – mas não só – por mim, que te pedi para viveres de um certo modo, até as pequenas coisas: fazer silêncio no autocarro, retomar as lições, caminhar, até te foi dito a que horas te devias levantar e comer. E neste viver a vida com o meu olhar, descobriste que era um bem para ti, e disseste sim a isso. Então, por

que é que dizes que a tua individualidade se perde ao seguir um outro? Parece-me exactamente o contrário.

O facto de não teres tido escolha – na verdade, tens a possibilidade de escolha: podes dizer sim, e fazer silêncio, ou não, e falar – foi contra ti?

Não.

Medina. Vocês estão a perceber que a objecção que fazemos não corresponde à experiência? É isso que gostaria de sublinhar. Se olharmos para a nossa experiência, se nos observarmos em acção, muitas das objecções que temos não se sustentam, não se mantêm. Porquê? Porque, por exemplo, a tua objecção em relação à individualidade (“se te sigo, perco-me a mim mesmo”) deve-se a uma interpretação tua sobre o que quer dizer seguir, mas tu tens a experiência do seguir diante dos teus olhos, viveste-a nestes dias e foi um bem para ti. A beleza de estarmos juntos é estarmos em caminho, e por isso a possibilidade de seguir, de viver a vida com o mesmo coração de um outro que nos permite sermos verdadeiramente nós mesmos, de abraçarmos o nosso destino, é contínua. E isso – a meu ver – é evidente, porque emerge da experiência. Mas nós não ouvimos a experiência, ouvimos mais as nossas ideias, por isso basta que alguém nos diga: “A forma como viveste estes dias, foi um bem para ti? Tens a certeza?”, para nós, imediatamente, reagirmos assim: “Sim, mas tenho um problema com o seguir”. Significa que tu tens uma interpretação do que significa seguir, ou seja, que isso te elimina. No entanto, falando contigo e com a amiga que te precedeu, vê-se exactamente o oposto, a experiência faz-te ver o oposto. É natural que seja assim. Quando te apaixonas por uma rapariga, queres estar com ela, queres olhar a vida como ela a vê, mas não te eliminas a ti mesmo, pelo contrário, quando te apaixonas consegues viver melhor. É natural, o que significa: é a dinâmica do humano. A dinâmica do humano é que no relacionamento com a minha mãe, no relacionamento com certos amigos, eu descubro que sou eu mesmo. Então, a objecção da individualidade negada pelo seguir vem do facto de que nós achamos que podemos existir sozinhos. Existir sozinhos significa pensar que eu me dou a minha consistência, que a coisa que tem mais valor sou eu, sozinho, eu sozinho. Mas eu não consigo ser eu mesmo senão em relacionamento com qualquer outro. É esta a reacção que vocês percebem quando se apaixonam: que, estando contigo eu respiro mais, percebo em ti um bem e, por isso, quero ficar contigo. Infelizmente, logo a seguir vocês fazem todas as reduções possíveis, fazem as vossas reinvenções e sobra bem pouco do amor inicial. Mas é precisamente este o ponto. Reparem que vocês e eu vivemos como homens modernos, que decidem que é melhor não serem eles mesmos, que é melhor não desejar, que o valor supremo da vida é o eu sozinho, a individualidade. Mas a experiência não diz isso. A tua experiência destes dias diz o contrário. Então, consciente de que nestes dias fizeste a experiência de um bem e que, quando não estás aqui, como tu dizias, esse bem não existe, então, qual é o problema da vida para ti?

Talvez pôr isso de lado para enquadrar tudo numa lógica fechada.

Medina. Vocês percebem que tudo, para nós, é eliminar alguma coisa? Tu estás a dizer-me que o problema da vida é “pôr de lado”. A outra amiga: o problema da vida é resolver a questão do desejo eliminando-o para, pelo menos, ficar tranquila. Diante do meu desejo de água, a nossa proposta é: esquecê-lo, não mostrá-lo. Se não o levamos em conta, o desejo desaparece. Pois bem, caminaste durante três dias no deserto e chegas a um sítio onde há água, tentas ir buscá-la, mas bates contra um vidro. Vês a água, mas há o vidro pelo meio e não podes ir buscá-la. A nossa reacção é: basta eu voltar-me para o outro lado e, embora não beba há três dias e precise da água, deixa de ser um problema e, então, tudo fica bem. O problema da vida não é eliminar os problemas ou pô-los de lado, mas seguir com curiosidade aquilo que nos interessou. A tarefa da vida é seguir o fascínio que um encontro suscitou em ti. Não é pôr de lado os teus pensamentos. Quando vocês ouvem dizer: “Têm que dar tudo”, vocês perguntam: “Tudo? Mesmo tudo?”. Porém, o problema não é o ser tudo, mas se há algo de fascinante ali, e então eu quero estar lá, porque tudo aquilo que tenho não me realiza e, em última instância, não me interessa. É como um fio subtil que se percebe no nosso discurso, a reacção automática em nós é contrária à nossa natureza. Quando vês uma rapariga bonita, realmente bonita, qual é a primeira coisa que te vem à cabeça?

Pensar: que bonita!

Medina. A primeira coisa que te deveria vir à cabeça era o desejo de ir ter com ela. O primeiro pensamento não seria precisar esquecer todas as outras raparigas, ou pô-la de lado. O problema é que se eu vi alguma coisa fascinante, quanto mais estou consciente disso, tanto mais experimento um bem. Então, o meu problema é ficar aqui, neste lugar que representa um bem para a minha vida. Como posso estar aqui contigo com mais intensidade? Pensa que essa é a experiência dos apóstolos, que iam atrás de Jesus com uma curiosidade desejosa do verdadeiro, seguiam a intuição que tinham tido. A dada altura, quando hoje regressarem a casa, sentados no autocarro, devem perguntar-se: será que é possível viver na escola o que vivemos nestes dias? O problema não é eliminar ou esquecer a escola, mas ter a curiosidade de descobrir como Deus tornará possível, para mim, viver tudo de um modo verdadeiro, até a escola.

Bonfanti. Este ponto parece-me decisivo: seguir aquilo que nos interessou. A experiência de Pedro e João é exactamente essa, a experiência que muitos de nós fizemos é a de um fascínio provocado por um encontro. Se penso na minha experiência, vejo que o que me fez crescer, o que me faz crescer é seguir aquilo que me fascinou, não todas as dúvidas que surgem. Tudo está inserido dentro desse seguir.

Padre José, o que me marcou foi a tua insistência sobre o contraste entre a ideia que eu tenho e o desígnio de um Outro sobre mim. Disseste que a nossa realização está em aderir a esse projecto. Mas eu continuo ligada àquilo que penso e que quero, porque permanece em mim uma dúvida atroz de que, no fundo, aquilo que Deus tem em mente para mim não seja aquilo que realmente me corresponde. Estou, como tu disseste, na “soleira do Mistério”, e é como se não conseguisse confiar totalmente, tenho muito medo.

Medina. Medo de quê?

De que não seja para mim, de ter muita dificuldade, de não ser feliz.

Medina. Tu vês um rapaz e dizes: “Este rapaz é mesmo bonito, e gosta mesmo de mim”, mas logo depois, dizes: “Ah, não, tenho medo”. Esse pensamento vem-te realmente à cabeça? “É demasiado fascinante. Tenho medo”. É um tanto ou quanto estranho, esse ser “fascinante”. De onde vem o medo?

Eu tenho medo de perder as pessoas e as coisas que sinto que são minhas. De facto, já respondeste um pouco quando disseste que o ponto é se uma coisa nos fascinou. De qualquer modo, vem-me à cabeça esta imagem: é como se houvesse um precipício; eu estou de um lado e, do outro, está a coisa que eu mais desejo, mas tenho medo de saltar para o outro lado. Sinto que, às vezes, esse medo me bloqueia.

Medina. Se eu vejo algo fascinante, esqueço o telemóvel, esqueço a namorada – contava antes um amigo –, vou atrás daquilo que vi e só depois é me dou conta de ter deixado todo o resto. Tu achas que isso me preocupou quando vi uma coisa fascinante? Percebam que quando dizem: “Tenho muito medo”, essa é uma objecção intelectual, fruto da mentalidade moderna que opera dentro do nosso coração, é uma objecção que não nasce da experiência. Tu vês uma coisa fascinante e vais atrás dela, essa é a experiência.

Sim, embora a dificuldade que permanece seja em relação ao sacrifício, por exemplo: percebo que, no relacionamento com um amigo, o modo de amá-lo mais seria que o relacionamento não fosse como eu quero; gostaria que fosse assim, mas não consigo sacrificar-me completamente. É como se soubesse tudo, tenho certeza da minha fé, tenho certeza de que Deus me ama, porém, depois, no fim...

Medina. Tu não sabes nada!

... fico agarrada à minha ideia.

Medina. Sabes tudo intelectualmente, enquanto discurso, mas não é o teu pensamento dominante. Não sabes nada, porque saber é reconhecer. O saber não é algo intelectual, mas é

conhecer um outro. Talvez saibas as palavras, mas conhecê-Lo é outra coisa. Tu vês uma coisa fascinante: é natural que te levantes e vás ter com ela. É natural. Não há teoria, aqui. Quando eu vinha de Rimini para aqui, vi muitos Ferraris na estrada. Num restaurante dum posto de serviço, estava um estacionado e, como gosto de carros bonitos, fui vê-lo de perto. Não me ocorreu de todo pensar: agora o Albertino vai deixar-me aqui, espero que ele não mexa na minha pasta, nas minhas coisas, são todas minhas. A regra da vida é seguir aquilo que é fascinante e que coincide exactamente com o sermos verdadeiramente nós mesmos. Tu não sabes o que é a felicidade até que a reconheças, até que a vejas apresentar-se a ti. Então, o ponto para ti é encontrar alguém que te ajude a olhar com paixão para aquilo que te fascina. Encontraste isso aqui?

Sim.

Medina. E, então, o que deves fazer?

Continuar a olhar para essas pessoas.

Medina. Perfeito. Continuar a olhar, basta. Obrigado.

Nestes dias disseste várias vezes que há duas opções: ou pensar que tudo morre, tudo termina e nada tem sentido, ou entregar-se a Ele, dizer sim e, portanto, identificar-se com Cristo. Mas eu não percebo o que quer dizer identificar-se com Cristo, como isso é possível.

Medina. Por que é que isso é um problema para ti?

Porque tu, nestes dias, nos disseste que para nos entregamos a Ele é preciso identificarmos-nos, e isso interessa-me.

Medina. E por que é que Cristo é um problema?

Porque me parece totalmente outro que não eu.

Medina. Sim, está certo. Se pensares nisso, identificar-se é sentir a vida com o coração de um outro. E este outro, nestes últimos três dias, era eu, o padre José. Sentiste a vida através do meu olhar. Pedi-te para estares comigo, ser uma comigo e olhar comigo. Mas para seguir verdadeiramente, não é suficiente fazer mecanicamente as mesmas coisas que eu faço, por exemplo, sentar-se como eu me sento. Seguir é olhar com os olhos do outro, é permitir que o olhar de outro entre em mim.

Porém, mesmo que eu tente olhar a vida como tu a viste ou descreveste, não é o mesmo que dizer: “Cristo”. Neste caso és tu, ou outra pessoa, mas não é Cristo.

Medina. Não é Cristo, mas o que sabes tu de Cristo?

Nada.

Medina. Nada, mas afirmas que não é Cristo. Se tu dizes: “Este não é Cristo”, significa que sabes quem é Cristo.

Bem, não. É exactamente o facto de não saber quem é Cristo que me impede de me identificar com Ele.

Medina. De verdade?

Se eu não conheço uma pessoa, como é que faço para ver as coisas como ela vê?

Medina. Estás a falar do mistério da Encarnação. Terminámos a Via-sacra assim: estou curioso para perceber como é que Ele decidiu ficar comigo e, durante estes dias, tivemos algumas sugestões, alguns sinais; pelo menos para mim, tornou-se evidente através do sacramento da Eucaristia: “Permaneço contigo, comi da minha carne”, disse Jesus aos discípulos. Tornar-se “um” com Ele, este é o sacramento objectivo. Mas há também a companhia, a encarnação de Cristo dentro da comunhão dos Seus. Visto que fazemos parte dum Movimento chamado “Comunhão e Libertação”, a palavra comunhão para nós é bastante importante porque Cristo decidiu permanecer comigo e contigo através de uma companhia humana, de modo que nós dois possamos fazer, hoje, a mesma experiência que Pedro e João fizeram: a experiência de viver com alguém que me faz ser eu mesmo, pelo qual, vivendo com ele, seguindo-o, olhando a vida como ele olha, eu sou livre, sou mais eu mesmo; o mundo, que me parece tão pouco, torna-se meu, as coisas que parecem esmagar-me, que parecem estar contra mim, tudo isso me dá uma liberdade enorme pelo facto de eu o conhecer e olhar para essas coisas como ele as olha. Esta é a experiência do cristianismo. Este é o

Cristo que eu conheço. Eu pergunto-te: e tu, que Cristo conheces? Percebes por que é que cantámos: “Ele tem a tua face, ele tem o teu rosto, e isto, para mim, é terrível”²⁸? Como é isso possível? Deus, na sua misericórdia, na sua ternura por ti, introduziu no mundo um homem para que possas conhecer quem é Deus e quem és tu. Atenção, porque pensamos que conhecemos Cristo, mas relegamo-Lo para as nuvens; enquanto que Cristo está aqui, presente. Também para mim é terrível dizer estas coisas: que através do testemunho da minha comunhão com Ele eu seja Cristo para ti, admitir isto, confesso que me dá algum medo. Este é o Cristo que eu conheço: encontrar um homem que, estando com ele, eu percebi um bem na minha vida. Quando leio *don* Giussani no texto de Escola de Comunidade, encontro o olhar de um homem sobre a minha vida que me traz um bem. Então, o que é que isto diz à tua pergunta?

Acho que percebi que, se estou na companhia dos Liceus, posso ver Cristo através deles e, assim, Ele apresenta-se a mim.

Medina. Eu tenho muita dificuldade – desculpem, esta é uma incapacidade minha –, porque não consigo “ver” Cristo através das pessoas. Quando as pessoas me dizem que conseguem ver Cristo, fico com um pouco de medo e pergunto: “O que é que tu vês? Vês um fantasma que aparece?”. Percebo que é uma expressão que resume um sentimento difundido, mas para mim, parece-me que isso torna Cristo abstracto. Não digo que esteja errada, acho até que é bonita, mas eu tenho dificuldade com esta expressão.

Mas, antes, também disseste que para mim, agora, Cristo és tu.

Medina. Disse que tu, estando comigo, fazes experiência de uma coisa que não é deste mundo, que não é o deserto. Há algo de divino em ti. E isso interessa-me. Percebem? É por isso que tenho dificuldade com essa expressão, porque me parece que reduz o Mistério, que é terrível. Como é possível que a minha vida tenha mudado assim, que a tua vida possa ser mudada pelo facto de tu estares comigo? Como é possível que um homem como *don* Giussani tenha mudado a minha vida, tenha trazido para dentro da minha vida algo que não é deste mundo? Esta é a encarnação. Este é o Cristo que eu conheço. E a vossa companhia só é testemunho de algo novo se viver dentro dessa comunhão. Não é automático, porque para nós, é automático o desinteresse, o sentar-se e dizer: está bem, vamos esperar que esse desejo passe, vamos fazer o que queremos. Quando eu sinto ao meu lado alguém que traz algo de divino dá-me um arrepio, fico um pouco incomodado, porque sinto que não posso dizer as parvoíces que digo normalmente, sinto que me faz endireitar na cadeira. Este é o Cristo que eu conheço; quando falo do Outro não falo de um outro que está nas nuvens, falo desse Outro real, presente aqui e agora. Quando falo da obediência, não a entendo como um dizer: “Senhor, diz-me o que devo fazer”. Tentei várias vezes dizer: “Senhor, diz-me o que devo fazer”. Mas ele não respondia! Não é assim. Há uma fisicidade, uma carnalidade que é bonita, é terrível, porque é misterioso que Deus tenha decidido ser um homem contigo, ao teu lado. É terrível, porque provoca imediatamente aquele desconcerto que te faz perguntar: “Mas como é possível?”. Parece impossível, no entanto, é fascinante e real. E diante deste fascínio, eu digo sim. Digo sim ao fascínio do verdadeiro que vejo à minha frente.

Mas se não o vejo nas pessoas que conheço, onde posso ver esse fascínio?

Medina. Procura outras pessoas, procura algo que seja fascinante. Não é que vás para a escola a dizer: “Tenho que me apaixonar, vamos ver o que há. O João, não. O Alfredo, não. Tudo bem na mesma, isto é o que temos, apaixonono-me por um qualquer”. Não. Se não há ninguém que te fascine, vai procurar noutro sítio.

Mas se dizes que não se pode encontrar nas pessoas...

Medina. Digo que não é possível encontrar neste mundo como produto das nossas mãos, mas está no mundo através da encarnação. A amiga de antes dizia: “Estando aqui contigo e com estes seis mil, estou bem”. Eu sou feito de carne, sou um homem. Eu vivi esta experiência com *don* Giussani, com o padre Carrón: a experiência de encontrar alguém que é fascinante. Então, eu quero perceber melhor quem é. E peço: “eu quero perceber o divino em ti, de onde vem esse divino, que não é deste mundo, porque estou cansado do mundo; mas há algo em ti que me interessa”. Pensa um bocadinho, os discípulos perguntaram a Jesus: “O que fazes tu com o dinheiro? Tens que pagar os

impostos? E aos sábados, o que é que fazes? Como é que vês estas coisas?”. É-te proposto o Fundo Comum: uma forma nova de olhar para o dinheiro. É-te proposta a caritativa: uma forma nova de olhar para o amor. É-te proposta a Escola de Comunidade: um novo olhar sobre a tua vida. Então, como é que tu te identificas? Diz sim àquilo que te é proposto e verifica se esse dizer sim (à Escola de Comunidade, ao Fundo Comum, à caritativa, às férias) é um bem, mas um bem neste nível: que te faz desejar mais. Se não, vivemos como um burguesinho piedoso, e fazemos as coisas, sim, mas para que tudo fique tranquilo.

Tu disseste que a nossa vida é, em geral, uma pretensão, que nós vivemos na pretensão e que também temos essa postura na oração. Sim, é verdade, quando rezo, tenho uma pretensão. O que é que, então, eu deveria pedir na oração? Dou um exemplo: se tenho que rezar por causa de um trabalho, é óbvio que peço uma boa nota, é claro que não peço para tirar um dois.

Medina. Tu pedes ao Senhor para te dar uma boa nota?

Também, quando é necessário.

Medina. Tenho um pouco de dificuldade com isso. Desculpem, eu sou uma pessoa muito literal. Diante da tua oração, o que é que Deus deveria fazer? Deveria pegar na caneta e dizer: “Vamos, deixa ficar o trabalho que eu o faço-o”? Não percebo.

Não seria mal visto, mas... eu peço sempre para que tudo corra bem. O que é que eu devo então pedir na oração?

Medina. O que é que gostarias de pedir? O problema é que vocês “apunhalaram” o vosso desejo, a ponto de pedirem coisas realmente pequenas. Para ti, é mesmo uma nota o que te torna a vida diferente? Imagina que estás à beira da morte, com toda a tua urgência, e o que é que pedes? É isso o que tu pedes?

Não.

Medina. Esse pedido é realmente a expressão mais ampla do teu desejo?

Não.

Medina. Porque aquilo que tu pedes revela o que tu desejas e o que tu achas que te faz feliz. Então, o que é que te faz feliz?

Agora? Não sei.

Medina. Não sabes.

Uma boa nota em matemática não me desagradava.

Medina. Mas para que te serve a nota de matemática? Será que tem o poder de te fazer viver a vida como aconteceu nestes dias?

Não.

Medina. Então, por que é que pedes isso? Se tivesses a oportunidade de encontrar o Presidente da República e ele dizia-te: “Tu és o italiano mais bonito do mundo, o que é que queres?”. “Eu, realmente, queria tirar boa nota a matemática”. Isso é tudo o que tu pedes? O que é que pedias?

Pedia para me tornar feliz.

Medina. Muito bem. O que é que isso significa?

Não sei.

Medina. Não sabes?

Vim aqui to perguntar.

Medina. Por isso é que eu digo que a vossa oração muitas vezes é burguesa. Porquê? É burguesa porque vocês pedem coisas realmente pequenas. Pequenas no sentido de que pedem aquilo que é conveniente. É conveniente receber uma boa nota e elogios, é conveniente, torna a vida mais simples, e as pessoas até pensam que tu és inteligente. Mas isso faz-te feliz? Se tu tens a oportunidade de ser ouvido por Deus, pede aquilo que realmente – realmente! - queres. E o que que é que queres? Não sabes?

Não.

Medina. Nós não sabemos o que nos faz felizes porque a felicidade encontra-se, não é uma coisa em que pensamos e então realiza-se. A felicidade não é algo que eu posso fazer acontecer, mas é

encontrada. Claro, é justo rezar pelas coisas que me são queridas, por exemplo, a saúde da minha mãe, mas consciente de que nem a sua cura me tornará, em última instância, feliz. O que me faz feliz é que Tu, ó Cristo, através desta realidade humana, vens ao meu encontro. Aquilo que me faz feliz é o facto de poder encontrar-Te em todas as coisas que eu faço, encontrar algo de misterioso, de divino em todas as circunstâncias que vivo. O que me interessa é viver a escola com a mesma intensidade com a qual vivi estes três dias, encontrar algo de divino em tudo, inclusive no sofrimento e até na morte. Claro, existem circunstâncias que eu não quero porque provavelmente não as aguentarei, porque estou cansado, mas o cansaço não é um problema, demo-nos conta disso ontem, até Jesus sentia dificuldades. E se Jesus tinha dificuldades, então nós também podemos ter, seguindo-o. Mas a maneira como Jesus e Maria rezavam era diferente da nossa, porque Jesus também disse: “Eu não quero sofrer, mas faça-se segundo a tua palavra, porque a mim és Tu que me interessas, Pai”. É esta é a oração cristã. “Senhor, cura a minha mãe, mas faça-se segundo a tua palavra porque eu sei que tu me amas, a mim e à minha mãe. Eu digo-te sim”. Rezem por aquilo que quiserem – pelo amor de Deus –, mas rezem sobretudo para descobrir algo de divino, algo de correspondente, não deste mundo, algo bonito, fascinante em tudo aquilo que vocês fazem. A nota boa passa. Tiveste uma, óptimo. Mas, a mim, interessa-me a possibilidade de encontrar algo de divino, algo de correspondente, de bonito naquele trabalho, na escola, pelo qual o instante seja pleno de densidade. Eu aconselho-vos isto: caminhemos juntos! Vocês não se dão conta disto, talvez eu perceba melhor, mas para mim foi um espectáculo ver-vos caminhar juntos nestes dias. Foi bonito, comovente. É um caminho na Sua direcção. É um caminho para nos redescobrirmos a nós mesmos. Os discípulos demoraram três anos a perceber o que era a encarnação, quem era este homem que é Cristo. É possível que nós também precisemos de algum tempo. Aceitemos isso, tenhamos a paciência de seguir porque, em nós, a tentação é a de querer obter tudo imediatamente. E, pelo contrário, és convidado a caminhar, a estar em relacionamento com Cristo na carne, nesta carne, não com um Cristo que está nas nuvens. És convidado a dizer sim àquilo que é fascinante, àquela intuição de verdade que pressentiste. E, assim, podes voltar para casa depois do Tríduo, dizendo: “Se este estar juntos foi tão fascinante para mim, talvez eu também diga sim segunda-feira, na escola”. É um caminho, uma educação. Vocês não se dão conta do poder imenso que tem dizer sim àquilo que vos é proposto, simplesmente. “Olha: nós rezamos, fazemos Escola de Comunidade, estudamos juntos de vez em quando, vivemos juntos, pagamos o Fundo Comum, fazemos caritativa”. Diz sim a estas coisas, com simplicidade, e vais-te descobrir mudado, como te viste mudado nestes dias. É a simplicidade de dizer sim àquilo que te fascinou, dizer sim àquilo que está diante de ti, fascinante e correspondente. E é o contrário de dizer não a todas as coisas às quais, normalmente, dizemos não. O problema do jovem rico não era o ter muitas coisas. O problema é que, a um certo ponto, desviou o olhar de Cristo. Ao passos que é natural, quando ouvimos um amigo dizer “Eu vou a Rimini”, responder “Vou contigo”. Quer dizer, sigo uma coisa fascinante, como muitos entre nós fizeram indo atrás do fascínio de um homem, porque o livro *Na Origem da Pretensão Cristã* é o testemunho de um homem, don Giussani, que me falou a mim e que te fala a ti, como eu falo agora, que me despertou e agora eu sigo esse fascínio, porque tudo o resto, pessoalmente, não me interessa. “Lanço-me [diz São Paulo] na corrida para O alcançar”, exactamente correndo, caminhando na Sua direcção. E o resto, o resto é “lixo”, diz ainda São Paulo; sem Cristo o resto, para mim, é lixo, não me serve, trato-o como lixo: deito fora, não me interessa, não me interessa no sentido de que não percebo o seu valor, não me interessa porque sem Ti a vida é uma condenação, mas Contigo, a vida é bonita. O problema não é a vida, o problema não é a circunstância, o problema é quando Tu não estás, Cristo, porque quando Tu estás, eu vivo. Isto é tudo!

Vamos concluir cantando, juntos, o canto de louvor a Maria.

Regina Caeli

¹ T.S. Eliot, *Poesia*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1981.

² *Fil* 3,12.

³ Cfr. J. Carrón, “*Nós também queremos ser escandalosamente felizes*”. *A Vida como Vocação*, Site Passos (http://passos.tracce.it/default.asp?id=411&id_n=3172).

⁴ Cfr. A. Schopenhauer, *O mundo como vontade e como representação*, Livro Segundo, Contraponto Editora, Rio de Janeiro, 2011, p. 244.

⁵ Cfr. F.W. Nietzsche, *A Gaia Ciência e Idílios de Messina*, Cia. das Letras, São Paulo, 2012, p. 223.

⁶ J. Kerouac, *Anjos da desolação*, L&PM Editores, Porto Alegre, 2010, p. 1075.

⁷ *Idem*, p. 1162.

⁸ Francisco, *Mensagem para a Jornada Mundial da Juventude 2014*, 21 de janeiro de 2014, 2.

⁹ Cfr. *Le lettere di Santa Caterina da Siena*, vol. III, Giunti-Barbera, Firenze 1970, p. 204.

¹⁰ L. Giussani, *Ciò che abbiamo di più caro (1988-1989)*, Bur, Milano 2011, pp. 491-492.

¹¹ P. Lagerkvist, “Uno sconosciuto è il mio amico”, in *Poesie*, Guaraldi-Nuova Compagnia Editrice, Rimini-Forlì 1991, p. 111.

¹² O. Clemotte, “Hoy arriesgaré”, *Cancioneiro*, p. 370.

¹³ Cfr. *Lc* 1,34.38.

¹⁴ Cfr. G. Cocquio, “Abramo”, *Canti*, E. Cooperativa Nuovo Mondo, Milano, pp. 179-180.

¹⁵ *Gen* 15,3-4.

¹⁶ Cfr. *Gen* 18,12.

¹⁷ Cfr. *Gen* 18,14.

¹⁸ *Gen* 22,2.

¹⁹ *Jo* 6,53.56.

²⁰ Cfr. *Jo* 6,61.67.

²¹ Cfr. *Lc* 18,18.22.

²² Cfr. *Gal* 2,20.

²³ Cfr. *Mt* 19,29; *Mc* 10,29-30.

²⁴ P. Claudel, *Anunciação a Maria*, Lucerna, Portugal, 2006, pp. 80, 83-84, 88-90.

²⁵ *Idem*, p. 93.

²⁶ *Idem*, p. 174.

²⁷ J. Carrón, Saudação no Encerramento do Tríduo Pascal dos Liceus. Rímini 19 de Abril de 2014.

²⁸ C. Chieffo, “Ballata dell’uomo vecchio”, *Cancioneiro*, p. 182.